

FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação de Mestrado

USO DE MECANISMOS DE DEFESA NO PERÍODO DE LATÊNCIA

ADRIANA SILVEIRA GOBBI

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Monica Medeiros Kother Macedo

Porto Alegre, janeiro de 2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

USO DE MECANISMOS DE DEFESA NO PERÍODO DE LATÊNCIA

Dissertação de Mestrado

ADRIANA SILVEIRA GOBBI

Prof^ª. Dr^ª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre, janeiro de 2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

USO DE MECANISMOS DE DEFESA NO PERÍODO DE LATÊNCIA

ADRIANA SILVEIRA GOBBI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Prof^ª. Dr^ª. Mônica Medeiros Kother Macedo
Orientadora

Porto Alegre, janeiro de 2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G574u Gobbi, Adriana Silveira Gobbi

Uso de mecanismos de defesa no período de latência
/ Adriana Silveira Gobbi. – Porto Alegre, 2009.
103 f.

Diss. (Mestrado) – Faculdade Psicologia, Pós-Graduação
em Psicologia Clínica, PUCRS.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Mônica Medeiros Kother Macedo.

1. Crianças - Período de Latência. 2. Contos de Fadas – Testes. 3.

Psicanálise. 3. Desenvolvimento Infantil. I. Macedo, Mônica

Medeiros Kother. II.Título.

Bibliotecário Responsável

Ginamara Lima Jacques Pinto
CRB 10/1204

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Adriana Silveira Gobbi

USO DE MECANISMOS DE DEFESA NO PERÍODO DE LATÊNCIA

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Mônica Medeiros Kother Macedo

Presidente

Prof^ª. Dr^ª. Blanca Susana Guevara Werlang

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof^ª. Dr^ª. Vera Regina Röhnelt Ramires

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

Porto Alegre, janeiro de 2009

*Para Juliano, amor verdadeiro, companheiro dos
sonhos e das conquistas.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, Juliano, pelo incentivo à realização do mestrado e por tudo que a nossa relação representa.

A Silvana, minha mãe, pelo carinho e pela amizade que marcam a nossa relação e pela disponibilidade em ajudar sempre.

A Paulo, meu pai, por valorizar a acadêmica e por estar sempre disposto a escutar.

A Mônica Medeiros Kother Macedo, minha orientadora, a qual, através de uma relação de amizade e de parceria, me acompanhou nesta trajetória, compartilhando seus conhecimentos e evidenciando ser a Psicanálise uma importante ferramenta conceitual na pesquisa.

A Blanca Susana Guevara Werlang pelo apoio e pelos preciosos ensinamentos acerca da pesquisa quantitativa.

À amiga e colega Renata de Rezende Lovera por trilharmos juntas esta caminhada e compartilharmos nossos anseios diante deste desafio. Pelo apoio e trocas constantes que contribuíram para a elaboração desta dissertação.

A Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn pela leitura cuidadosa.

Às auxiliares de pesquisa Mariana Aguilar Baldo, Laura Blaya Luz e Silvana Rodrigues Azevedo pelo comprometimento com a pesquisa.

Às auxiliares de pesquisa Carolina Druck e Renata Ribas pelo apoio no momento final da dissertação.

A todos os integrantes do grupo de pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise” pela convivência sempre agradável e prazerosa

Às escolas da cidade de Porto Alegre que autorizaram a realização desta pesquisa.

Aos pais ou responsáveis que autorizaram a participação das crianças nesta pesquisa.

Às crianças que se disponibilizaram a participar da pesquisa, tornando possível a realização desta dissertação.

A CAPES por incentivar a pesquisa científica através de suas bolsas de financiamento.

A todos aqueles com os quais pude aprender e que, de alguma forma, fazem-se presentes nesta dissertação.

Muito Obrigada!

RESUMO

A Psicanálise afirma-se como uma ferramenta conceitual que identifica ser a infância um tempo fundamental do ciclo vital no qual os recursos defensivos se constituem. No período de latência, as defesas do ego estabelecer-se-ão de forma mais complexa, contribuindo para o enfrentamento de conflitivas próprias do desenvolvimento. Destaca-se que a identificação das defesas possibilita não só a compreensão acerca de indícios de psicopatologia e de conflitos psíquicos, mas também, o conhecimento a respeito dos recursos saudáveis de integração e da força da instância egóica. Dessa maneira, os mecanismos de defesa constituem-se num importante aspecto a ser considerado na compreensão da dinâmica da personalidade infantil no contexto de avaliação psicológica. Para contemplar essa temática, foram elaboradas duas seções, uma retrata um estudo teórico e a outra um empírico. A seção teórica, nomeada de *Os mecanismos de defesa no período de latência: uma revisão conceitual na Psicanálise*, teve como objetivo a elaboração de uma revisão do conceito de mecanismo de defesa, de período de latência e da relação que se estabelece entre esses dois construtos teóricos da Psicanálise. Para alcançar esse objetivo foram utilizadas, principalmente, as proposições de Freud, Anna Freud e Melanie Klein. A seção empírica, intitulada *Identificação dos mecanismos de defesa no período de latência através do Teste dos Contos de Fadas*, apresenta um estudo quantitativo, do tipo transversal que teve como objetivo identificar a presença de evidências de mecanismos de defesa nas respostas obtidas no Teste dos Contos de Fadas (TCF), instrumento projetivo temático. A amostra constitui-se de 72 crianças dos sexos feminino e masculino, com idades entre 6 e 11 anos, alunos de escolas públicas e privadas da cidade de Porto Alegre. Para caracterizar a amostra, foi utilizada uma Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos. Para excluir casos com suspeita de comprometimento intelectual, foi administrado o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven - Escala Especial. Todas as respostas dadas pelas crianças ao TCF foram avaliadas por três juízes (psicólogas clínicas) que realizaram avaliações com base no sistema de categorização de respostas desse instrumento. Para identificar o grau de concordância entre os mesmos, foi utilizado o Teste de Concordância Kappa. Na seqüência, foi realizado o levantamento de frequências dos tipos de mecanismos de defesa identificados nas respostas e nas sete séries de cartões do TCF (Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Anões, Bruxa, Gigante, Cenas do Conto da Chapeuzinho Vermelho e Cenas do Conto da Branca de Neve e os Sete Anões). Para verificar a associação das variáveis (mecanismos de defesa X tipo de escola, sexo e idade), foi utilizado o Teste Exato de Fisher. A partir dos resultados obtidos no Teste de Concordância Kappa, foi constatado que os graus de concordância entre os juízes foram considerados moderado, regular, leve e ruim. As defesas encontradas com maior frequência nas respostas ao TCF foram: Negação, Repressão e Anulação. Os mecanismos de defesa Negação e Repressão associaram-se significativamente com as respostas das crianças da Escola Particular. As frequências dos mecanismos de defesa em cada uma das sete séries de cartões foram identificadas. Os resultados permitem identificar indícios de que, no período de latência, o repertório defensivo se complexifica, assim como confirmar o fato de serem as defesas psíquicas aquisições fundamentais desta etapa do ciclo vital.

Palavras-chaves: Teste dos Contos de Fadas (TCF), Mecanismos de Defesa, Período de Latência, Psicanálise.

Área conforme classificação do CNPq 7.07.00.00-1 (Psicologia)

Sub-área conforme classificação CNPq 7.07.01.00-8 (Fundamentos e Medidas da Psicologia)

THE USE OF DEFENSE MECHANISMS IN LATENCY

ABSTRACT

Psychoanalysis is recognized as a theory which sees childhood as a fundamental period of one's life in which defensive resources take place. In latency, ego defenses will appear in a complex way, empowering the child to deal with conflicts of development. Identifying those defenses will allow us not only to understand the signs of psychopathology and psycho conflicts, but also to learn about healthy integration resources and about the strength of the ego. This way, defense mechanisms are an important aspect to be taken into account for the understanding of a child's personality in the psychological evaluation context. To analyze this subject, this study was divided in two parts: a theoretical one and an empirical one. The theoretical part, namely, *Defense mechanisms in latency: a conceptual review in Psychoanalysis* aimed to present a review of the defense mechanisms in latency and its relation with these two concepts. In order to carry out this study, Freud's, Anna Freud's and Melanie Klein's theories have been used. The empirical part, namely, *Identification of defense mechanisms in latency through Fairy Tale Test* is a quantitative and a transversal survey, and its main objective was to identify the existence of defense mechanisms evidences in the answers to the Fairy Tale Test (FTT). The sample is composed of 72 children (male and female), age between 6 and 11, students of private and public schools of the city of Porto Alegre. A Personal Data and Sociodemographic Formulary has been used in order to have the subjects' necessary information. The Raven Test has been used to discard any case of intellectual problem. All the answers given by the children to the Fairy Tale Test have been assessed by three judges (clinical psychologists), based on the categorizing system of this instrument. To identify to what extent these judges agree, Kappa's Test has been used. A survey on the frequency of the different kinds of defense mechanisms has been carried out and also considering the answers to the seven sets of cards of the FTT (Little Red Riding Hood, The Wolf, The Dwarfs, The Witch, The Giant, Scenes of Little Red Riding Hood, and Scenes of Snow White and The Seven Dwarfs). In order to compare groups and variables associations, according to type of school, sex, and age, Fisher Exact Test has been used. Based on the results found in Kappa's Test, it has been observed that the agreement levels among the judges have been considered as moderate, little and weak. This finding suggests the sample should be enlarged, so that the level of agreement among the judges can be calculated. The defense mechanisms mostly frequently found to the FTT have been: Denial, Repression and Undoing. The defense mechanisms Denial and Repression are significantly associated with the answers given by the private school children. The defense mechanisms frequencies have been identified in each one of the seven set of cards. The results indicate evidence that in latency the defense repertoire becomes complex. In addition, they confirm that those psycho defenses are fundamental acquisitions of this period of life.

Key words: Fairy Tale Test (FTT), Defense Mechanisms, Latency, Psychoanalysis

SUMÁRIO

LISTA GERAL DE TABELAS.....	10
LISTA DE QUADROS.....	11
LISTA DE SIGLAS.....	12
INTRODUÇÃO GERAL	13
SEÇÃO TEÓRICA Os mecanismos de defesa no período de latência: uma revisão conceitual na Psicanálise.....	25
Introdução.....	26
As aquisições da latência e os recursos defensivos.....	30
As noções de defesas psíquicas na obra de Sigmund Freud.....	35
As contribuições de Anna Freud e de Melanie Klein à temática dos mecanismos de defesa.....	42
Considerações Finais.....	49
Referências Bibliográficas.....	51
SEÇÃO EMPÍRICA: Identificação dos mecanismos de defesa no período de latência através do Teste dos Contos de Fadas.....	55
Introdução.....	56
Método.....	67
Amostra.....	67
Instrumentos.....	67
Procedimentos para a coleta e análise dos dados.....	70
Apresentação dos Resultados.....	71
Discussão dos Resultados.....	80
Considerações Finais.....	87
Referências Bibliográficas.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	92
ANEXOS.....	94
Anexo A - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.....	95
Anexo B – Carta aos Pais ou Responsáveis.....	97
Anexo C - Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos.....	98
Anexo D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	100

LISTA GERAL DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição em termos de frequência e porcentagem da série atual freqüentada pelos participantes (n=72).....	16
Tabela 2. Distribuição em termos de frequência e porcentagem das pessoas com quem a criança reside (n=72).....	17
Tabela 3. Distribuição em termos de frequência e porcentagem da renda familiar mensal dos participantes (n=72).....	17
Tabela 4. Distribuição em termos de frequência e porcentagem da classe econômica dos participantes (n=72).....	72
Tabela 5. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todos os tipos de mecanismos de defesa, considerando todos os cartões (n=72)	73
Tabela 6. Frequências dos tipos de mecanismos de defesa conforme tipo de escola, sexo e idade (n = 72).....	75
Tabela 7. Associação entre os tipos de mecanismos de defesa e a variável tipo de escola (n = 72).....	76
Tabela 8. Associação entre os tipos de mecanismos de defesa e a variável sexo (n = 72).....	77
Tabela 9. Associação entre os tipos de mecanismos de defesa e a variável idade (n = 72)	78
Tabela 10. Sumário de Frequências dos tipos de mecanismos de defesa em todas as séries de cartões do TCF.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Composição das sete séries de cartões do Teste dos Contos de Fadas na ordem de apresentação na administração do instrumento.....	18
Quadro 2. Perguntas realizadas nas sete séries de cartões do Teste dos Contos de Fadas na administração do instrumento.....	20
Quadro 3. Definição da variável Mecanismo de Defesa conforme Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008).....	68

LISTA DE SIGLAS

CV – Chapeuzinho Vermelho

BN – Branca de Neve

TCF – Teste dos Contos de Fadas

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado, intitulada *Uso de Mecanismos de Defesa no Período de Latência*, foi desenvolvida no grupo de pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise”, coordenado pela professora Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo, vinculado à linha de pesquisa “Intervenções Psicoterapêuticas” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). A presente dissertação é parte de um projeto maior nomeado de “Adaptação Brasileira do Teste dos Contos de Fadas”, coordenado pelas professoras Dra. Blanca Susana Guevara Werlang e Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo.

A Psicanálise apresenta-se como uma teoria consistente para explicação dos fenômenos humanos que enfatiza a importância da infância para as etapas posteriores do desenvolvimento. De fato, Freud (1950 [1895]/1990) privilegiou a relevância das primeiras relações no processo de constituição do aparelho psíquico. Também apontou o autor que cada etapa do ciclo vital apresenta uma contribuição para a consolidação da personalidade. Assim, o período de latência é uma etapa da vida que, segundo os aportes psicanalíticos, contribui de forma significativa para que níveis de complexidade psíquica sejam alcançados.

O conceito de período de latência foi desenvolvido por Sigmund Freud (1905/1989) a partir de seus estudos inovadores sobre a sexualidade infantil. O interesse de Freud (1905/1989) pelo estudo das etapas iniciais do ciclo vital levou-o a desenvolver outros construtos teóricos, dentre eles o de fases do desenvolvimento psicosssexual. Ao descrever os estágios do desenvolvimento psicosssexual, Freud (1905/1989) identificou que o período de latência se caracterizava por ser uma etapa do ciclo vital na qual as condições psíquicas de elaboração de conflitos tinham um papel decisivo.

A entrada no período de latência, conforme Freud (1905/1989), estaria marcada, então, pela repressão dos conteúdos edípicos. Na latência, a essa defesa psíquica seriam acrescentadas outras com o intuito de manterem afastados do ego os conteúdos conflitivos. De acordo com as proposições de Sarnoff (1995), a latência compreende a faixa etária dos seis aos doze anos e caracteriza-se por um período de defesas dinâmicas. Nesse período, a estrutura egóica passa por um processo de organização e complexização. Estabelece-se, então, a relação entre infância e defesa.

O período de latência ficou, durante algum tempo, conforme Mattos, Sandler & Sandler (2000), à margem das discussões psicanalíticas, devido a uma forma equivocada

de identificá-la, estritamente, como uma espécie de pausa no desenvolvimento psicosexual e que a diminuição no afluxo pulsional levaria a um empobrecimento da vida fantasmática. Assim, segundo os autores, muitos analistas passaram a considerar esses pacientes menos interessantes, visto que ao se envolverem em atividades e jogos repetitivos, impossibilitariam o acesso a conteúdos inconscientes. Assim, a latência foi vinculada, de forma exacerbada, a um estado de calma do mundo pulsional, fruto do uso de defesas psíquicas. A dinâmica do uso de mecanismos defensivos é um dos aspectos centrais na latência; porém, corre-se o risco de equiparar e, portanto, confundir a utilização dos mecanismos de defesa com uma pausa no desenvolvimento psicosexual.

Ao abordar a latência, a Psicanálise, contempla uma ótica que inclui a relevância dos mecanismos de defesa, mas não a restringe à existência desses mecanismos. Sem dúvida, as defesas psíquicas relacionam-se ao padecimento psíquico; entretanto, busca-se demarcar a necessidade de compreendê-las, abordando também sua complexidade, ao tomá-las como uma parte importante do processo de estruturação do psiquismo e de consolidação do ego. Assim, é fundamental o entendimento das defesas psíquicas em articulação com o desenvolvimento do ego, o qual se dá, de maneira decisiva, no período de latência. A identificação dos mecanismos defensivos possibilita, portanto, não só a compreensão acerca de indícios de psicopatologia e de conflitos psíquicos, mas, também, da integração e da força da instância egóica. Nessa direção, salienta-se ainda, a inegável importância do fortalecimento do ego, da capacidade sublimatória e do desenvolvimento de defesas mais complexas, na latência, diante das demandas psíquicas da adolescência, como bem aponta Urribarri (1999).

O psicólogo dispõe de diversos recursos para acessar os conteúdos psíquicos. Ao uso da entrevista psicológica, por exemplo, como instrumento de investigação, podem ser acrescentados outros instrumentos. Entre eles estão os testes projetivos aperceptivos que são estratégias eficazes de acesso e conhecimento da dinâmica intrapsíquica na infância. Assim, compreende-se ser possível avaliar a integridade do ego por meio da identificação das defesas psíquicas que são projetadas nos instrumentos projetivos. Nesse sentido, os mecanismos de defesa podem revelar o modo de operar do psiquismo para lidar com os impulsos. Busca-se, portanto, com esta dissertação, possibilitar a compreensão de que no período de latência a aquisição de recursos de ego constitui-se, também, mediante o processo de complexização dos mecanismos de defesa.

Assim, esta dissertação foi desenvolvida a partir do projeto de pesquisa *Uso de Mecanismos de Defesa no Período de Latência*, apreciado e aprovado pela Comissão

Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Conforme já exposto, o presente estudo é parte de um projeto mais amplo intitulado “Adaptação Brasileira do Teste dos Contos de Fadas”. O projeto maior foi submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, tendo sido aprovado em 18 de junho de 2007 (Anexo A). Os pais ou responsáveis das crianças que participaram do presente estudo foram informados acerca da natureza e dos propósitos da pesquisa e da responsabilidade do pesquisador quanto ao sigilo da identidade da criança. Todos os pais ou responsáveis que autorizaram a participação da criança no estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo D).

Com base no projeto de pesquisa *Uso de Mecanismos de Defesa no Período de Latência*, a presente dissertação foi desenvolvida a partir da elaboração de duas seções de estudo sobre o tema, em conformidade com o ato normativo Nº 002/2007 de 06 de novembro de 2007 do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. A primeira seção intitulada *Os mecanismos de defesa no período de latência: uma revisão conceitual na Psicanálise* apresenta um estudo de cunho teórico. A segunda seção retrata um estudo empírico intitulado *Identificação dos mecanismos de defesa no período de latência através do Teste dos Contos de Fadas*.

O estudo da seção teórica teve como objetivo a elaboração de uma revisão conceitual a respeito dos mecanismos de defesa e do período de latência, a partir dos pressupostos psicanalíticos. Para tanto, buscou-se evidenciar, com base na teoria freudiana, que a constituição de defesas se relaciona com o processo de estruturação do psiquismo e que não se restringe à noção de adoecimento psíquico. Com o intuito de realizar uma revisão histórica sobre a temática dos mecanismos de defesa, são também referidas as importantes contribuições das psicanalistas de crianças Anna Freud e Melanie Klein. Além disso, propõe-se, através da leitura de autores contemporâneos, que os mecanismos de defesa, na latência, assumem o estatuto de aquisições do ego, constituindo-se, portanto, num relevante recurso psíquico que leva à complexização das formas de lidar com impulsos, angústia e conflitos.

Na seção empírica, apresenta-se uma pesquisa quantitativa e transversal, que teve como objetivo identificar os tipos de mecanismos de defesa presentes nas respostas ao Teste dos Contos de Fadas (TCF), instrumento projetivo temático, organizado por Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b) na Grécia. A amostra deste estudo, localizada por conveniência, foi composta por 72 crianças dos sexos feminino e masculino, com idades entre 6 e 11 anos e matriculadas em escolas públicas e privadas da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Para inclusão dos participantes na amostra, os critérios foram:

concordância dos pais ou responsáveis para que a criança pudesse participar do estudo e ausência de comprometimento intelectual. Para excluir casos com suspeita de comprometimento intelectual, foi utilizado o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven - Escala Especial (Angelini et al., 1999).

A distribuição da amostra foi realizada a partir do critério de classificação tipo de escola. Assim, a amostra foi composta por dois subconjuntos de 36 participantes cada um, conforme o tipo de escola, pública e particular. Cada um desses subconjuntos foi novamente dividido em dois outros de 18 crianças cada, de acordo com o critério de classificação: sexo masculino e sexo feminino. Por sua vez, cada um deles foi dividido novamente em mais dois subconjuntos de 9 participantes cada, de acordo com o critério de classificação idade, compreendendo menor idade (6 a 8 anos) e maior idade (9 a 11 anos).

Com o intuito de caracterizar os participantes deste estudo, utilizou-se uma Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos. Assim, a caracterização da amostra foi realizada de acordo com a referida ficha, que foi preenchida pelos pais ou responsáveis da criança. Dentre os dados pessoais e sociodemográficos contemplados por essa ficha, encontra-se a indicação da série atual freqüentada pela criança. Dessa forma, foi possível identificar a distribuição na amostra, no que se refere a freqüências e porcentagens da série atual freqüentada pelas crianças que participaram deste estudo como se observa na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição em termos de freqüência e porcentagem da série atual freqüentada pelos participantes do estudo (n=72)

<i>Série</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
Pré-escola	08	11,1
1ª série Ensino Fundamental	10	13,9
2ª série Ensino Fundamental	17	23,6
3ª série Ensino Fundamental	10	13,9
4ª série Ensino Fundamental	12	16,7
5ª série Ensino Fundamental	15	20,8
Total	72	100

Dentre os 72 participantes, a maioria apresenta um desempenho considerado ótimo 47 (65,3%) e bom 20 (27,8%), enquanto 2 (2,7%) haviam repetido alguma série. Na ficha, os pais ou responsáveis responderam, em relação à presença de queixas na escola, que os

professores apresentam queixas de 10 (13,8%) dos participantes. Os tipos de queixas mais frequentes são: falta de atenção, desorganização, conduta inadequada (palavrões e brigas) e outras não especificadas. Sobre o núcleo familiar em que os participantes estão inseridos, os dados indicam que a maior parte reside com pais e irmãos. As informações sobre as configurações familiares e a renda familiar dos participantes podem ser visualizadas nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2. Distribuição em termos de frequência e porcentagem das pessoas com quem a criança reside (n=72)

<i>Com quem mora?</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
Mãe e pai	11	15,3
Mãe, pai e irmãos	30	41,7
Mãe, pai, irmãos e avós	06	8,3
Apenas mãe	02	2,8
Mãe e irmãos	08	11,1
Mãe, pai, irmãos e outros	04	5,5
Outros	11	15,3
Total	72	100

Tabela 3. Distribuição em termos de frequência e porcentagem da renda familiar mensal dos participantes (n=72)

<i>Renda familiar</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
Até 1 salário mínimo	07	9,7
1 a 3 salários mínimos	14	19,4
3 a 5 salários mínimos	08	11,1
Acima de 5 salários mínimos	40	55,6
Sem resposta	03	4,2
Total	72	100

Considerando-se a amostra deste estudo, foi constatado, no que se refere à presença de doença física, que 5 (6,9%) crianças sofrem de doença respiratória (asma ou bronquite), dermatite ou refluxo, de acordo com a informação obtida através da ficha preenchida pelos pais ou responsáveis da criança. No que se refere à realização de tratamento especializado, os dados apontam que 10 (13,9%) crianças tratam doenças respiratórias, alergias ou refluxo e 10 (13,9%) dos participantes fazem uso de medicamento, como anti-histamínico

utilizado para o tratamento de alergias. Em relação à presença de transtorno psicológico, identificou-se que, dentre os 72 participantes desta pesquisa, dois apresentam transtorno psicológico (Enurese e Síndrome do Pânico), e 9 (12,5%) realizam tratamento psicológico.

Em relação ao desempenho obtido pelos participantes no Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven – Escala Especial – foi possível constatar que 21 (29,2%) crianças obtiveram percentil 95 ou superior (classificação I – Intellectualmente Superior), 27 (37,5%) percentil 75-94 (II – Definitivamente acima da média) e 24 (33,3%) percentil 50-74 (III – Intellectualmente Médio). Este instrumento foi utilizado para excluir casos com suspeita de comprometimento intelectual (percentil menor que 50).

O TCF foi utilizado para a identificação dos mecanismos de defesa. Esse instrumento é adequado para ser utilizado como técnica de avaliação clínica, possibilitando identificar diversas dimensões da personalidade infantil, com base nos conceitos psicanalíticos (Coulacoglou, 1995, 2002a, 2002b). Este teste é composto por 21 cartões com imagens de personagens e de cenas oriundos dos contos de fadas popularmente conhecidos. Esses 21 cartões estão distribuídos em sete séries com três cartões cada (ver Quadro 1). Os personagens vêm desenhados em três versões; duas delas retratam os traços mais típicos e conhecidos desses personagens, divulgados nos livros e filmes infantis, enquanto que a terceira versão é mais incomum e pretende estimular o surgimento de respostas originais.

Quadro 1. Composição das sete séries de cartões do Teste dos Contos de Fadas na ordem de apresentação na administração do instrumento.

<i>Série de Personagens</i>	<i>Numero de Cartões</i>
Chapeuzinho Vermelho	3 cartões (I, II, III)
Lobos	3 cartões (I, II, III)
Anões	3 cartões (I, II, III)
Bruzas	3 cartões (I, II, III)
Gigantes	3 cartões (I, II, III)
<i>Série de cenas</i>	<i>Numero de Cartões</i>
Chapeuzinho Vermelho	3 cartões (I, II, III)
Branca de Neve e os Sete Anões	3 cartões (I, II, III)

Fonte: Coulacoglou, 1995, 2002a, 2002b

Diferentemente de outras técnicas temáticas, a proposta não é a de contar histórias, mas sim, que sejam respondidas algumas perguntas, pois o conto já existe, os personagens são conhecidos e, de alguma maneira, fazem parte da realidade diária das crianças. Os contos de fadas, segundo Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b), fazem parte do imaginário das crianças, enfocando temas que contêm verdades universais e refletem valores tradicionais como: amor, amizade, inveja, ajuda, violência, morte, entre outros. Assim sendo, o TCF estimula os processos inconscientes de projeção, explorando sentimentos e atitudes.

A administração do TCF, segundo Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b), deve ser realizada individualmente em único encontro de aproximadamente 45 minutos. Antes da administração do teste, o examinador deve verificar se a criança conhece as histórias “Chapeuzinho Vermelho”, “Branca de Neve e os Sete Anões” e alguma história que contenha o personagem gigante, como por exemplo, “João e o Pé de Feijão” ou “O Pequeno Polegar”. Se a criança não estiver familiarizada com os contos acima mencionados, podem-se ler as histórias para a criança ou indica-se a leitura das mesmas e remarca-se a administração do instrumento para uma semana depois.

Ao dar as instruções, o examinador pode dizer à criança que eles irão jogar um jogo: “Nós vamos jogar um jogo onde aparecem os personagens das histórias Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e os Sete Anões e João e o Pé de Feijão. Eu vou te fazer algumas perguntas e gostaria de ouvir tua opinião”. Os cartões são apresentados numa ordem padrão, mas indica-se para a criança que ela pode escolher a ordem na qual quer falar. Apresenta-se um conjunto de cartões de cada vez e os demais cartões são mantidos fora do alcance da criança. O personagem daquela série de cartões que está sendo apresentado deve ser enfatizado: "Aqui nós temos a Chapeuzinho Vermelho. O que cada uma delas pensa e sente?" ou "Estes são três anões. O que cada um deles pensa e sente?". Durante a aplicação do teste, um conjunto de perguntas é realizado (ver Quadro 2), devendo-se também anotar todos os comentários da criança, mudanças na ordem dos cartões ou qualquer comportamento que possa ser útil para análise posterior. As respostas devem ser registradas, pelo examinador, no protocolo adequado (Coulacoglou, 1995, 2002a, 2002b).

Quadro 2. Perguntas realizadas nas sete séries de cartões do Teste dos Contos de Fadas na administração do instrumento.

<i>Série de Personagens</i>	<i>Perguntas</i>
Chapeuzinho Vermelho	<ul style="list-style-type: none"> - O que cada uma pensa e sente? - Qual das três é a Chapeuzinho Vermelho do conto? Por quê? - Qual das três você comeria se fosse o lobo? Por quê?
Lobos	<ul style="list-style-type: none"> - O que cada um pensa e sente? - Qual dos três lobos é o do conto da Chapeuzinho Vermelho? Por quê? - Qual dos três te dá mais medo? Por quê?
Anões	<ul style="list-style-type: none"> - O que cada um pensa e sente? - Qual dos três anões é o do conto da Branca de Neve? Por quê? - Qual dos três anões você gostaria que se casasse com a Branca de Neve? Por quê?
Bruxas	<ul style="list-style-type: none"> - O que cada uma pensa e sente? - Qual das três bruxas é a dos contos? Por quê? - Qual das três te dá mais medo? Por quê? - Qual é a Bruxa mais malvada? Por quê? - O que pode fazer uma bruxa malvada? - Qual é o nome das bruxas?
Gigantes	<ul style="list-style-type: none"> - O que cada um pensa e sente? - Qual dos três é o gigante dos contos? Por quê? - Qual dos três te dá mais medo? Por quê? - Qual é o gigante mais malvado? Por quê? - O que pode fazer um gigante malvado? - Qual é o nome dos gigantes?
<i>Série de cenas</i>	<i>Perguntas</i>
Chapeuzinho Vermelho	<ul style="list-style-type: none"> - Descreva cada desenho - Com qual desenho termina o conto? Por quê? - Com qual desenho você gostaria que o conto terminasse? Por quê?
Branca de Neve e os Sete Anões	<ul style="list-style-type: none"> - Descreva cada desenho - Com qual desenho termina o conto? Por quê? - Com qual desenho você gostaria que o conto terminasse? Por quê?

Fonte: Coulacoglou, 1995, 2002a, 2002b.

O TCF avalia 30 dimensões da personalidade infantil que são consideradas variáveis a serem pontuadas a partir das respostas da criança ao teste. De acordo com Coulacoglou (2008), as 30 variáveis são alocadas em 5 grupos de componentes da personalidade: **1) Desejos e Necessidades** (Desejo por coisas materiais, Desejo de Superioridade, Desejo de Ajudar, Necessidades Orais, Necessidade de Afiliação, Necessidade de Aprovação, Necessidade de Afeto, Necessidade de Proteção); **2) Impulsos** (Preocupação Sexual, Respostas Bizarras, Agressão Oral, Agressão Tipo A, Agressão como Dominância, Agressão Instrumental, Agressão Tipo B – Agressão como Defesa, como Retaliação, por Inveja, por Ciúme), **3) Relações Objetais** (Relação com a mãe e Relação com o pai), **4) Estados Emocionais** (Medo de Agressão, Ansiedade, Depressão), **5) Funções do Ego** (Ambivalência, Auto-estima, Moralidade, Senso de Propriedade, Senso de Privacidade, Adaptação ao Conteúdo do Conto, Repetição).

Quando a variável está presente na resposta, atribui-se uma pontuação que varia em intensidade, de 1 a 3, sendo 1 a menor intensidade e 3 a maior. Já as variáveis Relacionamento com a Mãe, Relacionamento com o Pai e Auto-estima são pontuadas de forma positiva (+1) ou negativa (-1), dependendo da resposta. Quando uma variável não ocorre em uma resposta, atribui-se zero (0). Em relação à variável Adaptação ao Conteúdo do Conto, deve ser atribuída uma pontuação 0 quando nenhuma ação, qualquer que seja, estiver envolvida ou implicada na resposta, ou quando a criança responder com “Eu não sei” ou “Eu não lembro” ou dá respostas “neutras”. Posteriormente, somam-se cada uma das variáveis, chegando-se a um escore bruto, que é transformado em ponderado, sendo, então, comparado com um escore atingido por crianças da mesma faixa etária daquela que está sendo avaliada. Dessa forma, realiza-se o levantamento quantitativo das variáveis do instrumento (Coulacoglou, 1995, 2002a, 2002b).

Dentre os elementos que possibilitam a interpretação qualitativa das respostas ao TCF, encontra-se a identificação dos mecanismos de defesa, os quais são empregados pelas crianças diante de temáticas e conflitivas eliciadas pelos cartões do teste. No processo de re-padronização do TCF na Grécia, Coulacoglou (2008) encontrou, mais freqüentemente, os mecanismos de defesa: Anulação, Negação, Projeção, Formação Reativa, Repressão, Cisão e Racionalização. Com menor freqüência, foram encontrados os mecanismos: Identificação Projetiva, Regressão, Deslocamento, Compensação, Agressão contra a própria pessoa e Identificação com o agressor. Os mecanismos de Introjecção e *Acting out* apareceram raramente. Na avaliação das respostas do TCF, deve-se registrar a presença ou ausência dos mecanismos de defesa, identificando os tipos de defesa presentes e frente a

quais situações a defesa é empregada. Estes dados auxiliam na interpretação qualitativa do teste, a qual possibilita uma compreensão de aspectos dinâmicos da personalidade infantil.

A análise do TCF implica, de acordo com Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008), a integração entre as informações quantitativas e qualitativas. A análise quantitativa é realizada através da pontuação de variáveis e da comparação entre os escores altos e baixos. A análise qualitativa inclui a observação, durante a aplicação do teste, do comportamento da criança, dos comentários sobre as figuras, da rejeição dos cartões, da mudança na ordem dos cartões, do nível de concentração da criança (dificuldade em ficar sentada, remexer-se, demonstrar impaciência) e da habilidade verbal (gramática, sintaxe, vocabulário, palavras ou expressões idiossincráticas). Além disso, na interpretação qualitativa deve-se estar atento para os seguintes aspectos: continuidade de respostas entre os cartões de uma mesma série, respostas em primeira pessoa, interação entre os personagens e respostas contaminadas. A integração do ego é outro importante elemento da análise qualitativa de um protocolo, pois revela o nível geral de funcionamento da criança. A avaliação das funções e da integridade do ego é realizada através da identificação dos mecanismos de defesas, da adaptação ao conteúdo dos contos de fadas, da resolução dada para o conflito e da quantidade de repostas bizarras e repetidas. A autora ainda aponta que para se fazer uma boa interpretação do teste é preciso identificar os temas e conflitos eliciados pelos cartões do teste, assim como ter conhecimento sobre a teoria psicanalítica da infância e dos contos de fadas.

O TCF constitui-se num instrumento projetivo consistente que possibilita o acesso a aspectos inconscientes da personalidade infantil, segundo referem Macedo & Werlang (2008). A vantagem deste instrumento é a utilização de contos que, geralmente, são conhecidos pelas crianças de todo mundo e, por isso, seu uso estende-se a diversas culturas. Atualmente, o TCF está em processo de adaptação em diversos países, como México, Peru e Venezuela, sendo que na China, na Turquia e na Rússia já está apto para ser utilizado.

No que se refere à análise dos dados do presente estudo, foi utilizada a estatística descritiva (frequências, médias, percentagens) para analisar os dados obtidos na Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos. Os protocolos do TCF das 72 crianças que participaram deste estudo foram, num primeiro momento, avaliados por três juízes (J1, J2 e J3) que realizaram avaliações independentes com base no sistema de categorização de respostas proposto por Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008). A partir das avaliações dos juízes (psicólogas clínicas), foi utilizada a estatística Kappa para avaliar o grau de

concordância entre os mesmos para a categoria mecanismos de defesa. Posteriormente, realizou-se o levantamento de frequências e percentagens dos mecanismos de defesa identificados nas respostas e nas sete séries de cartões do TCF. Para a categorização de respostas da variável mecanismo de defesa, foi utilizado o sistema de categorização proposto por Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008). Por último, para verificar a associação das variáveis (mecanismos de defesa X tipo de escola, sexo e idade) foi utilizada a estatística inferencial (Teste Exato de Fisher). Para a declaração de existência de significância estatística, considerou-se o nível de 5%.

Assim, espera-se que esta pesquisa colabore na compreensão do período de latência como um momento de complexização da organização psíquica de inegável importância para o desenvolvimento humano. Além disso, pretende-se contribuir com o desenvolvimento da adaptação do Teste dos Contos de Fadas no Brasil no que se refere, principalmente, a variável mecanismo de defesa.

Assim, a presente Dissertação de Mestrado cumpriu a proposta inicial do projeto de pesquisa apresentado à Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS.

Referências Bibliográficas

- Angelini, L., Alves, I.C.B., Custódio, E.M., Duarte, W.F., & Duarte, J.L.M. (1999). *Manual de Matrizes Progressivas Coloridas de Raven: Escala Especial*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Coulacoglou, C. (1995). *Teste de los Cuentos de Hadas*. Madrid: TEA Ediciones.
- Coulacoglou, C. (2002a). Construct Validation of the Fairy Tale-Test-Standardization data. *International Journal of Testing*. 2 (3, 4), 217-242.
- Coulacoglou, C. (2002b). *Psychometrics & Psychological Assessment*. 2 nd. Edition. Athens: Paparazisis.
- Coulacoglou, C. (2008). The Development and Cross-Cultural Significance of Defense Mechanism. In C. Coulacoglou (org). *Exploring the child's personality developmental – Clinical and cross-cultural applications of the Fairy Tale Test*. EUA: Charles C. Thomas Publisher.
- Freud, S. (1989). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Vol. 7* (pp.118-217). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (1990). Projeto para uma Psicologia Científica. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Vol. 1*(pp.381-511). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1950[1895]).
- Macedo, M.M.K., & Werlang, B.S.G. (2008). O teste dos contos de fadas. In Villemor-Amaral, A.E., & Werlang, B.S.G. *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica*. (Org.). (pp. 183-192). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mattos, L.T.L., Sandler, E. H., & Sandler, P.C. (2000). Latência? *Revista Psychê*. 2 (1), 45-81.
- Sarnoff, C. A. (1995). *Estratégias Psicoterapêuticas nos anos de latência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Urribarri, R. (1999). Descorriendo el velo sobre el trabajo de latencia. *Revista Latino-Americana de Psicoanálisis*. 3 (1), 257-291.

SEÇÃO TEÓRICA

OS MECANISMOS DE DEFESA NO PERÍODO DE LATÊNCIA: UMA REVISÃO CONCEITUAL NA PSICANÁLISE

Introdução

O funcionamento psíquico alicerça-se em uma complexa interação entre aspectos biológicos, psicológicos e sociais. No processo de estruturação do psiquismo, a importância dos momentos iniciais da vida é inquestionável. A Psicanálise, ao se ocupar destes tempos primordiais, contribui significativamente para a constatação da relevância que adquire a qualidade das relações que se estabelecem no campo intersubjetivo.

Na Psicanálise, encontramos em Freud (1950 [1895]/1990), mais especificamente no manuscrito *Projeto para uma Psicologia Científica*, uma ampla teorização acerca da constituição e do funcionamento do aparelho psíquico. Nesse texto, o psiquismo é entendido como um aparelho de memória capaz de registrar o que é vivido desde os primórdios da vida. Além disso, o autor disserta sobre a condição de desamparo da criança humana ao nascer e sua dependência de outro humano, maduro psiquicamente, que possa atender, com sua ação, as necessidades básicas do bebê para manutenção da vida; o que denominou de *ajuda alheia*. Ao dissertar sobre o que nomeia de *experiência de satisfação*, Freud (1950 [1895]/1990) considera que as primeiras vivências de satisfação se relacionam à *ação específica* executada por um outro humano e pelo meio da qual a excitação, experimentada como desprazer pela criança, é suprimida, pelo menos, momentaneamente. Em relação à dinâmica dos primeiros contatos entre o bebê e seus cuidadores, Bleichmar (1994) destaca que “a vivência de satisfação não se constitui pela simples satisfação nutritiva, mas pelo fato de que esse elemento nutrício é introduzido pelo outro humano” (p. 23).

A partir destes tempos iniciais, são sedimentadas as bases para o desenvolvimento físico e emocional da criança. Em diferentes momentos de sua obra, Freud (1905/1989, 1909/1976, 1915a/2004) refere e aborda a importância da infância e do singular processo de constituição do infantil no aparelho psíquico. O conceito de Inconsciente, juntamente com as proposições freudianas a respeito da importância da sexualidade infantil, marca uma transformação inestimável na forma de compreender, não apenas a patologia de etiologia psíquica, como também a própria noção de constituição da subjetividade. A vivência do infantil está situada nesse momento histórico de fundação e estruturação do psiquismo, de modo que, para a Psicanálise, essas vivências inscritas no Inconsciente produzem efeitos por toda vida e não se encerram com o fim da infância.

Nesse sentido, a *infância*, segundo Macedo (2006), pode ser entendida como uma fase do desenvolvimento humano – tem um tempo delimitado, isto é, tem um início e um

fim –, enquanto que o *infantil* é definido como sendo tudo aquilo do psíquico que se inscreveu na infância, mas que segue vigente ao produzir efeitos. As inscrições deixadas no psiquismo pelas experiências infantis não se referem, especificamente, ao que foi vivido, mas sim às marcas deixadas pelas vivências de prazer e desprazer, conforme apontam Zavaroni, Viana & Celes (2007). Assim, mais do que ressaltar a seqüência temporal do ciclo vital, Macedo (2006) destaca a necessidade de se pensar no lugar ocupado pelo sujeito em sua história psicosexual, considerando que a complexidade destas vivências se opõe a uma explicação linear de causa e efeito. A autora, então, propõe que a marca de uma história singular alicerça-se no interjogo entre *temporalidade-atemporalidade*, característico da sexualidade humana.

No texto *Três Ensaios para a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/1989) destaca que a manifestação da sexualidade vinha sendo, até então, considerada ausente na infância e, sendo despertada apenas a partir da puberdade. Nesse contexto, a sexualidade era equiparada à genitalidade. Ao se contrapor à concepção vigente, em sua época, a respeito da inexistência de sexualidade na infância, Freud (1905/1989) propõe uma ampliação do conceito de sexualidade, ressaltando que a mesma não se reduz ao ato genital e à atividade de reprodução. A sexualidade poderia, então, ser definida como não designando “apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e atividades presentes desde a infância, que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 476). A sexualidade infantil caracteriza-se por ser auto-erótica, está sob a primazia de zonas erógenas e nasce apoiada nas funções biológicas vitais, conforme descreve Freud (1905/1989).

Em seu estudo a respeito do desenvolvimento psicosexual, Freud (1905/1989) nomeou as etapas do desenvolvimento da libido e postulou que o desenvolvimento da sexualidade ocorre em dois tempos. O primeiro tempo é designado de organização pré-genital e o segundo, genital. A organização pré-genital é constituída pelas fases oral, anal e fálica. É fundamental salientar que cada fase refere-se a vivências psíquicas conflitivas inerentes ao desenvolvimento da libido, apoiadas às experiências somáticas da maturação corporal. Destaca-se, inclusive, que a proposição de fases do desenvolvimento psicosexual não deve ser tomada como algo que faça referência a um aspecto estritamente cronológico ou estanque, já que os registros psíquicos permanecem ativos no Inconsciente. Como bem define Freud (1940 [1938]/1975), observa-se a ocorrência de uma espécie de ênfase na modalidade quanto à forma de obtenção de prazer em cada etapa de organização

da libido. Assim, por exemplo, “na fase fálica, há os primórdios de uma organização que subordina os outros impulsos à primazia dos órgãos genitais e determina o começo de uma coordenação do impulso geral em direção ao prazer na função sexual” (Freud, 1940 [1938]/1975, p. 180). Na etapa fálica, que ocorre por volta dos três aos cinco anos de idade, a criança vivencia o complexo de Édipo, o qual, segundo Freud (1933[1932]/1994), é considerado como a conflitiva central dessa etapa do desenvolvimento psicosssexual. A complexidade inerente a esta conflitiva é abordada por Nasio (2007) ao afirmar que “o Édipo é um imenso despropósito: é um desejo sexual próprio de um adulto, vivido na cabecinha e no corpinho de uma criança de quatro anos e cujo objeto são os pais” (p. 10). Destaca, ainda, o autor que a criança sexualiza os pais e tem sensações eróticas que emanam, pela primeira vez, de todo seu corpo, em direção ao corpo do outro.

As contribuições de Hornstein (1989), em relação à temática edípica, que tomam como ponto de referência o legado freudiano, permitem constatar que, a partir desta vivência, ocorre uma modificação em termos egóicos e narcísicos. Um dos pontos principais da crise edípica centra-se na interdição do incesto, a qual marca a diferença entre as gerações, bem como a exclusão da criança da relação parental. Além disso, por meio da percepção da diferença entre os sexos, a criança é inserida no registro psíquico da castração, criando a possibilidade de percepção da falta e da incompletude. Assim, o psiquismo torna-se mais complexo, abrindo-se a dimensão de um tempo futuro: “não sou, mas posso chegar a sê-lo”, como sintetiza Hornstein (1989, p. 177). Dessa forma, entende o autor, que o registro psíquico da castração implica aceitação da distância entre o eu e o ideal.

Ao final da fase fálica, é esperado que ocorra a resolução edípica, decorrente do fato de a criança começar a desenvolver o superego na medida em que incorpora os valores e ideais parentais e sociais, via identificação. Freud (1933[1932]/1994) afirma que o superego é, portanto, o herdeiro do complexo de Édipo. Além disso, o autor destaca que ao término desta fase, a dessexualização dos pais permite a identificação com o rival edípico. Nasio (2007) pontua que, ao final do Édipo, a criança “recalca vigorosamente fantasias e angústias (...) e torna-se disponível para conquistar novos e legítimos objetos de desejos. É assim que, progressivamente, descobre o pudor, desenvolve sentimento de culpa, o senso moral e estabelece sua identidade sexual de homem e mulher” (p. 11). O complexo de Édipo, experiência psíquica decisiva da sexualidade infantil, é seguido da ação intensa do recalçamento, o qual inaugura um novo período do desenvolvimento psicosssexual, nomeado por Freud (1905/1989) de *latência*.

A latência, como bem destaca Freud (1905/1989), inicia com o declínio do complexo de Édipo e caracteriza-se por uma transformação da libido do uso sexual que é, então, voltada para outros fins. A dinâmica que envolve o desvio da pulsão sexual das metas sexuais e sua orientação para novas metas, na busca da obtenção de prazer, foi nomeada de *sublimação*. A sublimação é um recurso indispensável para lidar com os dilemas posteriores que se fazem presentes no desenvolvimento humano e será mais amplamente abordada no próximo tópico.

Em decorrência desta idéia de transformação da libido, associada à latência, este período ficou durante algum tempo à margem das discussões psicanalíticas. Macedo (2006) indica que se encontra na literatura a menção a uma forma equivocada de abordá-la que acaba por identificá-la como uma espécie de “pausa” no desenvolvimento psicosexual. Sarnoff (1995) reconhece que o termo latência, geralmente, refere-se a um período de calma e diminuição da tensão psíquica; porém alerta que o estado de latência é decorrente de “um processo ativo de organização das funções do ego a serviço de exigências sociais” (p. 25). Para o autor, a latência é vista pela vertente cronológica – faixa etária dos seis aos doze anos – e pela concepção dinâmica – a latência como um estado psicológico. Como estado psicológico, é entendida como um “período de defesas dinâmicas, durante o qual a criança experimenta uma complexa reorganização da estrutura defensiva do ego. Um estado de bom comportamento, docilidade e educabilidade é mantido, como consequência de um equilíbrio entre defesas e tensões” (p.25). Esse estado ocorre devido à evolução dos mecanismos defensivos.

Cabe salientar que a presença deste estado psicológico está relacionada com a cultura, tendo em vista que a criança, nesta idade, precisa renunciar à descarga psíquica de impulsos e postergar, assim, a satisfação, cumprindo com as regras impostas pelos valores sociais. Nesta etapa do ciclo vital, tem-se como um dos marcos o aprendizado formal, o qual pressupõe recursos psíquicos que possibilitam a renúncia da satisfação pulsional.

Segundo Freud (1905/1989), a intensa ação do recalçamento nas questões edípicas e, conseqüentemente, na sexualidade infantil, traz como resultado a edificação de forças psíquicas, as quais atuam como barreiras no caminho da pulsão e estreitam seu curso como se fossem *diques*, aparecendo, assim, o asco, a vergonha e as exigências dos ideais estéticos e morais. Em outras palavras, os impulsos sexuais que se manifestavam, até então, passam a ter um impedimento no que diz respeito à descarga pulsional direta (sem mediação dos processos psíquicos), demonstrando a maior complexidade alcançada pelo aparelho psíquico.

Urribarri (1999a), por sua vez, argumenta que existe sim um *trabalho da latência*, o qual pode ser pensado como um esforço realizado no sentido da “organização, diferenciação, sofisticação e ampliação do aparelho psíquico; e também esforço em relação à exigência de tramitar a pulsão em um novo ordenamento dinâmico e estrutural do aparato” (p. 259). Por meio do termo *trabalho* e não de *período*, o autor busca enfatizar a importância das modificações e das aquisições do psiquismo, procurando descentrar sua compreensão de uma referência cronológica.

Na latência, ocorre uma singular amnésia que encobre os primeiros anos da infância até os seis ou oito anos de idade, como observou Freud (1905/1989). Entretanto, o fato de não se ter acesso às lembranças dos primeiros anos da infância não significa que essas não produzam efeitos. Como bem afirma Freud (1905/1989), “as mesmas impressões por nós esquecidas deixaram, ainda assim, os mais profundos rastros em nossa vida anímica e se tornaram determinantes para todo o nosso desenvolvimento posterior” (p. 164). A partir destas definições da dinâmica psíquica que se faz presente na latência, fica evidente sua relevância e influência no processo de estruturação e complexização do aparelho psíquico.

As aquisições da latência e os recursos defensivos

Uma inegável contribuição do período de latência ao processo de complexização do psiquismo refere-se ao fato de que esta etapa “proporciona à criança o equipamento, em termos de desenvolvimento do ego, que a prepara para o incremento das pulsões na puberdade” (Blos, 1998, p. 72). As aquisições que a latência viabiliza ao ego foram antecedidas pelos tempos da infância, nos quais a descarga pulsional também se deparou com restrições. Nos movimentos iniciais da estruturação psíquica, deve haver uma renúncia à descarga pulsional direta, para que a sexualidade possa assumir formas mais elaboradas de satisfação pulsional. Para Bleichmar (1994), é “o processo de estruturação da tópica que define os destinos pulsionais. A pulsão em si mesma só vai à busca da descarga; aquilo que obstaculize esta descarga levará a movimentos de complexização defensiva que culminam nos processos fundantes da tópica” (p. 133). Ao abordar o processo de complexização psíquica, Freud (1950[1895]/1990) afirma que “se existe um ego, ele deve inibir os processos psíquicos primários” (p. 438).

A inibição dos processos psíquicos primários, pelo ego, acontece quando um investimento colateral impede a descarga psíquica e possibilita o processo secundário. Desde o texto freudiano de 1895, *Projeto para uma Psicologia Científica*, está posta a

compreensão de que o psíquico surge a partir da complexização do funcionamento mental, o qual de início lidava unicamente com quantidades de energia, tensões endógenas e exógenas que exigiam descarga. Ao bebê, é fundamental o papel do outro que, mediante *ações específicas*, aplaca as tensões e possibilita o registro da marca mnêmica da satisfação. Constitui-se, assim, o ego, promotor de ligações que instaura o registro do psíquico, do processo secundário, da capacidade de moderação e postergação, fazendo circular em si uma energia que representa a possibilidade de novas formas de investimento e satisfação do desejo, que não mais a simples descarga direta.

Laplanche & Pontalis (2001) ressaltam que a noção de ego sempre esteve presente na obra freudiana, sendo que Freud seguiu reformulando e renovando suas contribuições a respeito do ego. No contexto teórico freudiano de 1895, o ego tem um papel fundamental na dinâmica psíquica, que é o de inibir, por meio de ligações e vias colaterais, a descarga direta da pulsão. Já na concepção teórica da Primeira Tópica, o ego é o responsável pela mediação entre os sistemas psíquicos Inconsciente e Pré-consciente/Consciente; intervém através da censura e do recalque com intuito de impedir que o conflito não invada o aparelho psíquico.

O conceito de ego segue sofrendo importantes transformações no decorrer da obra freudiana. Será com a introdução da Segunda Tópica, em 1923, através do texto *O Ego e o Id*, que se encontrarão subsídios para pensar a estreita relação existente entre o ego e os recursos defensivos do aparelho psíquico. Como bem salientam Laplanche & Pontalis (2001), na Segunda Tópica, o ego destaca-se como um sistema ou instância psíquica que busca ajustar-se às modalidades do conflito psíquico. As instâncias envolvidas no conflito são: o ego, como agente da defesa, o superego, como sistema de interdições e o id, como pólo pulsional. Freud (1933[1932]/1994) entende que o ego é “pressionado pelo id, confinado pelo superego e repellido pela realidade” (p. 82) e que, diante disso, luta para manter a harmonia entre as forças que atuam sobre ele. Anteriormente, em 1923, já havia sido formulado que o ego serve a três senhores: ao mundo externo, ao id e à severidade do superego e, assim, é ameaçado por perigos advindos destas direções. Frente aos perigos da realidade externa, o ego pode fugir, mas o que pode fazer diante dos perigos internos?

O ego constrói seus recursos e passa a dispor destes na medida em que enfrenta os conflitos inerentes às fases do desenvolvimento psicosssexual. Na latência, conforme entende Urribarri (1999a), as possibilidades de defesa ampliam-se devido ao desenvolvimento das funções do ego. Assim, o ego passa a ter a sua disposição um repertório de defesas, sendo que, segundo afirma Blos (2003), a repressão representa uma

contribuição típica do período de latência. Entretanto, o uso de defesas não é compreendido no sentido de empobrecimento do ego, mas sim, e, principalmente, como recursos a serem utilizados na tentativa de manter o equilíbrio intersistêmico, impedindo a invasão pulsional, a qual poderia ser traumática e desestruturante. A partir desta concepção, entende-se que um ego que pode lançar mão de recursos defensivos mais estruturados é um ego coeso que opera por meio da constatação da *angústia sinal*, a qual o avisa do perigo. Compreende-se a defesa como um componente da organização psíquica que depende, para entrar em ação, do ego e de sua articulação com as instâncias psíquicas e com a realidade externa. Portanto, não se trata de um processo estanque e autônomo; ao contrário, o uso de defesas é uma operação complexa que se relaciona tanto com a história passada (constituição do psiquismo e relação entre as instâncias) quanto com a realidade atual.

O ego na latência desenvolve-se, cada vez mais, em direção à inibição e à postergação da descarga dos impulsos, favorecendo, segundo Enck (2007), que as manifestações via ato sejam substituídas pelos processos do pensar e o do verbalizar. Também contribui para este processo de complexização psíquica o mecanismo de sublimação, fazendo com que a energia pulsional seja desviada de sua meta. Urribarri (1999a) reconhece que este mecanismo pode ser visto como um recurso que o ego desenvolve, na latência, para lidar com a pulsão, canalizando-a para outras atividades e para vias alternativas de obtenção de prazer. Elementos estes, fundamentais para inserção do sujeito na vida em sociedade, realmente marcada pelo registro da castração, possibilitando o acesso ao campo da alteridade.

O conceito de sublimação no texto freudiano não está plenamente desenvolvido, evocando uma série de interrogações como aponta Hornstein (1989). Afirma o autor, que a sublimação é, comumente, definida como atividades, aparentemente não vinculadas à sexualidade, mas que encontram sua força na pulsão sexual a qual é desviada para as atividades valorizadas pelo ideal do eu. Neste contexto, Hornstein (1989) considera que “a sublimação permite a realização do desejo sem recorrer ao recalçamento, ainda que seja um retorno do recalçado, é uma transformação da pulsão em um produto valorizado narcisisticamente, supondo um prazer por esta transformação” (p. 183).

Dando continuidade a sua teorização acerca da sublimação, Hornstein (2007a) propõe entendê-la como uma *formação de compromisso*, uma vez que, em termos metapsicológicos, ela está no mesmo patamar do chiste, do humor e dos vínculos. O autor entende que na sublimação, no sentido tópico, evidencia-se o predomínio do ego em

relação ao id e ao superego; na concepção dinâmica, observa-se o predomínio da pulsão de vida sobre a pulsão de morte; e, do ponto de vista econômico, o predomínio da energia ligada, típica do processo secundário, sobre a energia livre, característica do processo primário.

A partir do exposto até aqui, pode-se pensar na inestimável importância do período de latência para o fortalecimento da instância egóica e, também, para o desenvolvimento de recursos psíquicos que, tal como a sublimação, são necessários para a manutenção da saúde do psiquismo. Evidenciam-se, neste sentido, o papel desempenhado pelas aquisições da instância egóica, no período de latência, como recursos fundamentais a serem empregados na metabolização dos processos psíquicos futuros, principalmente, daqueles envolvidos na dinâmica adolescente.

Nessa direção, Blos (2003) argumenta que um dos pontos cruciais do período de latência centra-se na preparação para o enfrentamento das demandas da adolescência. A capacidade de resolver conflitos pulsionais, tão necessária na adolescência, requer que tenham ocorrido modificações na instância egóica antes da puberdade. O grande diferencial da latência é, portanto, a solidificação do ego, o qual adquire maior capacidade para lidar e controlar os impulsos sexuais. Nessa perspectiva, cabe destacar que cada fase do desenvolvimento contribui de maneira peculiar para o desenvolvimento da personalidade. A repressão, a sublimação e, em geral, a expansão egóica representam a contribuição típica do período de latência, conforme define Blos (2003).

A puberdade constitui-se em um período de intensificação das demandas internas e externas, frente às quais o psiquismo encontra-se em uma situação de vulnerabilidade, como bem aponta Blos (2003). Neste sentido, o autor propõe que as raízes de psicopatologia na adolescência encontram-se, não apenas na reativação de conflitos infantis, mas também na capacidade do ego em metabolizar intensidades as quais se vê submetido nesta etapa da vida. Enfatiza ainda o autor que esta capacidade egóica é influenciada pela primazia do ego em relação às forças do id e às exigências da realidade externa. Esta aquisição resulta da expansão das funções egóicas do pensamento, da verbalização, da metabolização de intensidades pulsionais e da postergação dos processos psíquicos primários. Se estas funções do ego não se desenvolvem, pode ser indicativo de que o período de latência tenha ficado incompleto ou que tenha ocorrido uma interrupção. Em ambas as situações, Urribarri (1999b) considera fazer-se presente um estado de vulnerabilidade psíquica, deixando o psiquismo fragilizado diante da irrupção da puberdade e da adolescência.

Na atualidade, pode-se observar o encurtamento do período de latência, como identifica Enck (2007). O grande prejuízo deste fenômeno refere-se ao empobrecimento do ego, principalmente, no que se refere à capacidade de metabolização das excitações e de simbolização; aquisições, estas, decorrentes da primazia do processo secundário sobre o primário, como salienta Urribarri (1999b). A partir disso, apresenta-se um ego com recursos escassos para adentrar no território da adolescência. De acordo com a compreensão de Macedo, Gobbi & Waschburger (2004), esta configuração faz-se notar pelo incremento, na adolescência, das patologias do agir e do corporal que denunciam falhas na capacidade de simbolização.

Considerando-se a solidificação da instância egóica na latência, ocorre o abandono progressivo de defesas mais primitivas, como a cisão e a negação, e a crescente utilização de defesas mais evoluídas como a repressão e a sublimação. A latência caracteriza-se por um atuar conjunto e subordinado de diversos mecanismos defensivos com finalidade sublimatória (Urribarri, 1999a). A consolidação de uma relação sistêmica fluída, que possibilite a descarga através da sublimação e de outros mecanismos – e não apenas o uso do recalamento e da formação reativa – levará, como compreende o autor, a uma ampliação e a um fortalecimento do ego, principalmente, no que se refere à diversificação de canais de expressão e de descarga. Urribarri (1999b) considera esta dinâmica de fundamental importância para o enfretamento da puberdade e da adolescência, reconhecendo que “quanto menos embasada se encontra a organização prévia, menos recursos o jovem terá para enfrentar o embate puberal” (p. 261).

Outro aspecto característico desta fase é a busca por objetos exogâmicos e a possibilidade de identificações, como destaca Blos (1998). O investimento em um objeto exterior pode ser considerado um ponto importante no que se refere ao processo de individuação e, também, como uma espécie de ensaio para as escolhas da adolescência. Emerge, assim, na latência, um senso de auto-estima derivado das próprias habilidades e realizações que sejam valorizadas e aprovadas no meio social. Portanto, o valor atribuído a si próprio não depende mais, exclusivamente, dos objetos primários de amor. Também se observa, nessa fase, como salienta Urribarri (1999a), um crescente desenvolvimento da competência social, intelectual e motora, que se constituem em recursos psíquicos, os quais ajudam a manter o equilíbrio da auto-estima. Dessa maneira, frente a uma melhor instrumentalização egóica, evidencia-se uma maior estabilidade de afetos e de recursos psíquicos em relação a um tempo anterior.

A partir do ingresso em atividades escolares formais, as atividades significativas do ego, como o aprendizado, a memória e o pensamento solidificam-se. A energia é investida em atividades culturais e socializadoras, uma vez que, via recursos sublimatórios, a atividade sexual está desviada de sua meta. De acordo com Ferreira & Araújo (2001), o desenvolvimento do pensamento simbólico – aquisição desta etapa do desenvolvimento psicosexual – favorece o uso da racionalização, ampliando o repertório defensivo do ego. Já as demandas sexuais podem ser mantidas à distância através de defesas obsessivas (Blos, 1998). Tais defesas estão em consonância com a organização e com o ordenamento, características típicas de crianças em idade escolar. Essas manifestações, que aparecem por meio do estabelecimento de hábitos e uma forma metódica de comportar-se, podem ser pensadas como tentativas de controlar o mundo externo, mas também vistas como uma tentativa de manter um ordenamento interno frente ao incremento das transformações psíquicas e físicas anunciadas pela adolescência. Destaca-se que o uso do sistema defensivo psíquico, longe de acarretar empobrecimento egóico, poderá possibilitar a proteção do ego contra a avalanche pulsional.

As noções de defesas psíquicas na obra de Sigmund Freud

A palavra *Abwehr*, defesa, em alemão, possui os significados de “fazer retroceder, repelir; rejeitar; afastar e impelir” (Hanns, 1996, p. 121). Em português, a palavra *defesa* designa uma variedade de atividades que objetivam a proteção contra o ataque. Hanns (1996) entende que fica implícita a idéia de que os inimigos foram apenas afastados e não destruídos, o que dá a entender que podem retornar. Laplanche & Pontalis (2001) definem o termo defesa como um conjunto de operações que visam suprimir qualquer modificação suscetível de pôr em perigo a integridade do ego.

Na Psicanálise, a palavra *defesa* foi empregada por Freud (1894/1994, 1950/[1896]/1990) desde seus primeiros trabalhos e estava ligada à busca de compreensão, tanto da histeria, quanto dos processos de estruturação psíquica. Já a expressão *mecanismos de defesa* aparece esporadicamente ao longo do texto freudiano, tendo espaço em alguns textos metapsicológicos de 1915 e ganhando maior destaque a partir de 1926, com *Inibição, Sintoma e Angústia* (Laplanche & Pontalis, 2001). Salienta-se que, possivelmente, o que não se fazia presente era uma sistematização dos mecanismos de defesa, uma vez que Freud (1894/1994, 1950/[1895]/1990) contemplou a temática das defesas desde suas primeiras teorizações acerca do psiquismo. Conforme Campos (2004),

o conceito de defesa na teoria freudiana pode ser considerado estruturante, pois o início da Psicanálise relaciona-se com esta temática. Cabe destacar, como bem assinala Hornstein (2007b), que “o psiquismo é um sistema, não uma maquinaria. É um sistema complexo, aberto, com complexas estratégias ativas e complexas estratégias defensivas” (p. 162).

Ocariz (2000) refere que o ser humano, nas acepções freudianas, é um ser de conflito, sendo que a diferença entre normalidade e patologia refere-se à forma pela qual o aparelho se constitui e como ele consegue, no seu processo de constituição, estruturar estratégias defensivas que lhe possibilite administrar o mundo pulsional. A autora considera, ainda, que “a defesa não é patológica, é fundamental para que o sujeito possa se estruturar” (p. 35). Neste sentido, a autora propõe que a construção de sintomas mais ou menos saudáveis ou doentios relaciona-se, tanto pelo modo que o aparelho psíquico se constitui, quanto pelo repertório de mecanismos e recursos defensivos que tem à disposição. Para Hornstein (2007b), os mecanismos de defesa diferem segundo o conflito predominante, devendo-se reconhecer neles dinâmica e força. Ao abordar a complexidade do processo defensivo, Hornstein (2007b) considera que “o *entramado* da força é a instância ameaçada; seu *agente*, aquele que a exerce; sua *finalidade*, evitar que toda perturbação se traduza em desprazer; seus *motivos*, aquilo que anuncia a ameaça e desencadeia o processo defensivo” (p. 162).

Nos primórdios da vida, o psiquismo utiliza modos de defender-se da dor por meio da *atração primária do desejo* e da *defesa primária*, como entende Freud (1950[1896]/1990). A *atração primária do desejo* visa à reativação da marca mnêmica da satisfação e a *defesa primária* (ou recalque) caracteriza-se por uma tendência a um afastamento da marca mnêmica hostil.

Cabe destacar as proposições de Freud (1950[1896]/1990), na *Carta 52*, acerca do “material presente em forma de traços da memória, o qual estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias — a uma *retranscrição*” (p. 324). Portanto, considera que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações.

Estes registros referem-se a épocas sucessivas da vida, sendo que na fronteira entre estes períodos deve ocorrer uma tradução do material psíquico. Freud (1950 [1895]/1990), ao abordar esta temática, propõe que nas psiconeuroses ocorre uma falha na tradução de parte do material psíquico. Esta falha é o recalque e o motivo pelo qual este mecanismo entra em ação é o desprazer que esta tradução produziria. Destaca Freud (1950

[1896]/ 1990) que “é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho de tradução” (p. 326).

Freud (1950 [1896]/1990) busca diferenciar uma *defesa normal* de uma *defesa patológica*. A defesa normal opera quando a marca mnêmica desprazerosa é redespertada e o ego consegue inibir o desprazer através das vias coletarais. A condição da *defesa patológica* é o desencadeamento de uma excitação endógena desprazerosa contra a qual não se estabeleceu nenhuma aprendizagem defensiva. É o caso em que a inibição é insuficiente, uma vez que a lembrança do desprazer se comporta como se fosse um evento atual. O evento em questão é de ordem sexual. “O que determina a defesa patológica (recalcamento), portanto, é a natureza sexual do evento e a sua ocorrência numa fase anterior” (Freud, 1950 [1896]/1990) [grifo do autor]. Conjetura que o prazer que não pode ser inibido constitui-se em uma *compulsão* [grifo do autor]. Então, o autor pontua que diante da reativação de uma experiência sexual a liberação de prazer é acompanhada por uma compulsão e a liberação de desprazer é acompanhada pelo recalcamento. Nos dois casos, a tradução para as indicações de uma nova fase parece ser inibida, ou seja, o evento anterior é tratado como se fosse atual.

Então, inicialmente Freud (1893/1995, 1894/1994) já buscava, em seus textos, elos entre o processo de adoecimento psíquico neurótico e a defesa nomeada de recalque. O próprio Freud (1926[1925]/1976), já no contexto teórico da Segunda Tópica, afirmara que utilizava a expressão “processo defensivo” como um sinônimo de recalcamento. Ele destacou, ainda, que o conceito de defesa deveria ser entendido como “uma designação geral para todas as técnicas das quais o ego faz uso em conflitos que possam conduzir a uma neurose” (p. 188). Corroborando com tal afirmação, Macedo (2002) salienta que “o termo recalcamento é, muitas vezes, tomado por Freud em uma definição que o aproxima de ‘defesa’ (...) na medida em que a operação de recalcamento encontra-se, pelo menos, como uma etapa em numerosos processos defensivos complexos (...)” (p. 119). Outro aspecto destacado pela autora, refere-se ao fato de que, no período anterior a 1900, embora Freud utilizasse os conceitos de defesa e de recalcamento comparativamente, eles não eram entendidos como equivalentes, uma vez que no estudo das psiconeuroses reconhecia diferentes tipos de defesa.

Demarca-se que o estudo das defesas, na obra freudiana, sofre uma grande influência mediante a mudança do método empregado para o tratamento da histeria. O abandono da técnica da hipnose, a qual era utilizada no tratamento da histeria, possibilitou que Freud

(1893/1995) se deparasse com o fenômeno da resistência. A partir disso, começara a delinear, com maior precisão, a existência de um movimento psíquico – a defesa – que impedia a recordação de alguns eventos da vida do sujeito (Campos, 2004).

No campo da psicopatologia, Freud (1894/1994) estabelece algumas diferenciações, destacando que as *neuropsicoses* se referem a patologias em que a defesa procura manter a representação ideativa intolerável afastada da consciência, e as *neuroses atuais*, que se referem às patologias de etiologia somática e não psíquica. Em relação às neuropsicoses, o autor postula que a defesa consiste em um esforço voluntário do ego com o intuito de diminuir a força da representação de forma que esta não demande exigência do trabalho de associação, o que é obtido “retirando-lhe o afeto – a soma de excitação – do qual está carregada” (Freud, 1894/1994, p. 56). A partir disso, como entende Campos (2004), este esforço voluntário de ego, a fim de evitar o desprazer, revela que “o aumento de excitação é incompatível com a saúde do ego” (p. 91).

Freud (1894/1994) passa a entender que, como resultado da operação de recalque, ocorre a liberação de um quantum de excitação, o qual estava aderido, anteriormente, à representação que fora recalçada. Assim, a defesa que será usada para fazer frente a este quantum energético é que caracterizará as distintas neuroses. Quando o destino dado ao afeto é a conversão, estamos diante do que ele nomeou, neste momento, como *histeria de defesa* (que mais tarde passou a ser chamada de *histeria de conversão*).

Em relação às obsessões e fobias, Freud (1894/1994) definiu que o afeto permanece na esfera psíquica e liga-se a outras representações, estabelecendo falsas ligações – estas representações tornam-se representações obsessivas. Ocorre, então, o *deslocamento* do afeto para outra representação, originalmente vinculado a uma representação intolerável para o eu. Já o estudo da Paranoia possibilitou que Freud (1894/1994) identificasse a projeção, mecanismo entendido como uma defesa que atribui ao exterior a origem do desprazer.

No texto *O Recalque*, Freud (1915a/2004) faz uma distinção em relação às etapas do processo de recalque. Afirma que existiria uma primeira fase do recalque, nomeada de recalque original, que consiste na fixação de representações no Inconsciente. O recalque original não deve ser entendido, apenas, em relação ao aspecto temporal, mas sim, e principalmente, como o que está na origem, o que demarca os espaços psíquicos com características próprias.

O recalque propriamente dito, isto é, a segunda etapa do recalque, refere-se a um movimento psíquico complexo de repulsão que atua a partir do consciente sobre o

conteúdo a ser recalçado. Freud (1915a/2004) afirma que a pulsão pode encontrar, ao longo de seu percurso, resistências que visam impedir sua ação, ou seja, a descarga, chamando este processo de recalque. O recalque entra em ação com a finalidade de impedir que uma pulsão – que traria desprazer ao ego – atinja sua meta. Freud (1915a/2004) demarca que, diferentemente de um estímulo externo, diante da pulsão a fuga não tem serventia, já que o “eu não pode fugir de si mesmo” (p. 177). A essência do recalque, segundo Freud (1915a/2004), consiste na ação de repelir algo para fora do consciente e mantê-lo no Inconsciente. Além disso, Freud (1915a/2004) reconhece que também é importante considerar a atração exercida pelo recalçado original sobre aquilo que consegue estabelecer alguma ligação. Neste sentido, entende que provavelmente “a tendência recalcante não realizaria seu intento se essas forças não atuassem em conjunto, se não existisse algo antes recalçado e pronto para acolher o que foi repelido pelo consciente” (p. 179).

O recalque (propriamente dito) é uma forma mais complexa de defesa, pois pressupõe que o ego esteja constituído e que tenha ocorrido a separação entre os sistemas. Nos primórdios, tinham-se destinos para as pulsões, como por exemplo, o destino da transformação no contrário e o redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa. Freud (1915b/2004) destaca que tais destinos podem ser entendidos como formas de lidar com as pulsões e que um ego mais desenvolvido pode utilizar outros recursos.

Faz-se necessário delimitar a especificidade do mecanismo de repressão, tendo em vista que é entendido, muitas vezes, como equivalente ao recalque. A repressão é um mecanismo consciente que torna um conteúdo desagradável pré-consciente. Sendo assim, seu destino não é o sistema Inconsciente (Laplanche & Pontalis, 2001). Outro mecanismo de defesa que deve ser diferenciado do recalque é a negação. Este mecanismo é definido por Valls (1996) como uma oposição realizada pelo eu que não aceita como próprias aquelas representações vinculadas a conteúdos recalçados. Conforme o mesmo autor, a negação “atua em um nível mais alto que o recalque, pertence ao eu pré-consciente, portanto à atividade do pensamento (...)” (1996, p. 380).

As representações recalçadas podem ter acesso à consciência caso estiverem deformadas pela defesa, a ponto de não serem reconhecidas. Aparecem, então, por meio da formação de compromisso sob a forma de chistes, atos falhos, sonhos e sintomas. Assim, em uma formação (chiste, atos falhos, etc) podem ser satisfeitos tanto o desejo inconsciente quanto as exigências defensivas (Laplanche & Pontalis, 2001). Este

reaparecimento de conteúdos inconscientes por meio de outras roupagens foi nomeado de *retorno do recalado* (Freud, 1915a/2004).

Freud (1915a/2004) propõe que, além do recalque, certos modos de defesa possam estar ligados a uma neurose específica, como por exemplo, a estreita ligação entre *recalcamento*, *conversão* e *histeria* (de conversão). Neste caso, o recalque conduz a um total desaparecimento do conteúdo afetivo que é convertido em sintomas somáticos.

Ao abordar a neurose obsessiva, Freud (1915a/2004, 1926 [1925]/1976) teve sua atenção despertada para os mecanismos de *isolamento*, *anulação* e *formação reativa*. Na neurose obsessiva, tem-se “o complexo de castração como força motora da defesa, na medida em que, ao deparar-se com as vivências próprias da conflitiva edípica, ocorre o movimento regressivo da libido” (Krug, Macedo & Veras, 2002, p. 231). Num primeiro momento, o processo de recalque, que incide sobre os aspectos hostis em relação à pessoa amada, é efetivo. Porém, o recalque é uma das defesas que o ego utiliza para se defender, destacando-se, neste contexto, a utilização dos mecanismos de *anulação*, *isolamento* e *formação reativa*.

A *formação reativa* é, para Laplanche & Pontalis (2001), um contra-investimento de algum conteúdo consciente de força igual e em direção oposta ao investimento inconsciente. Assim, verifica-se, por exemplo, que a hostilidade é mantida inconsciente, enquanto se observa uma intensificação dos aspectos amorosos em relação ao objeto. Já a *anulação*, de acordo com Krug, Macedo & Veras (2002), refere-se à utilização do pensamento mágico na tentativa de fazer desaparecer algo que tenha acontecido. O *isolamento*, segundo Laplanche & Pontalis (2001), “consiste em isolar um pensamento ou um comportamento, de tal modo que as suas conexões com outros pensamentos ou com o resto da existência do sujeito ficam rompidas” (p. 258). Este mecanismo de defesa pode ser observado mais explicitamente na neurose obsessiva e, geralmente, manifesta-se através de pausas no pensamento, rituais, entre outros.

Já na *histeria de angústia* o mecanismo de *deslocamento* atua em conjunto com o recalque, como bem aponta Freud (1915a/2004). Na histeria de angústia o recalque separa a idéia do afeto, mas o afeto fica desligado de representações, emergindo como angústia. Assim, esta angústia é *deslocada* para um objeto fóbico, o qual deverá ser evitado.

Como já referido, Freud (1926 [1925]/1976) afirma que o recalque não é o único método empregado pelo ego para se defender contra um impulso desagradável. Para o autor a noção de defesa abrange todos os processos que tenham a finalidade de proteger o ego contra as exigências pulsionais. Pontua que, por vezes, o ego usa, em um primeiro

momento, o mecanismo de *regressão* para, posteriormente, passar, então, a reprimir o impulso alvo da defesa. Afirma isto, em virtude da retomada do caso do *Pequeno Hans* e do *Homem dos Lobos*, em 1926, acreditando que nestas fobias o impulso recalçado referia-se à hostilidade em relação à figura paterna. Nestes casos, de acordo com Freud (1926 [1925]/1976) o impulso fora recalçado pelo processo de ser transformado no seu contrário. Assim, a hostilidade em relação ao pai transformou-se, através do mecanismo de deslocamento, em hostilidade do pai pelo paciente, que por sua vez transformou-se, por meio da regressão oral e do deslocamento, em medo de ser mordido pelo cavalo, no caso do *Pequeno Hans*, ou medo de ser devorado pelos lobos, no caso do *Homem dos Lobos*. Com o processo de regressão para estágios iniciais do desenvolvimento psicosssexual, faz-se notar um aumento do conteúdo agressivo e sádico da pulsão, fazendo com que o recalque precise entrar em ação.

Neste mesmo texto, Freud (1926 [1925]/1976) introduz a Segunda Teoria da Angústia, a qual modifica a compreensão do mecanismo de recalque. Freud (1926 [1925]/1976) estabelece que na Segunda Teoria da Angústia “é a angústia que produz o recalque, e não o recalque que produz a angústia, como eu pensava antes” (p. 131). A partir desta nova formulação, o ego faz uso das defesas com o intuito de evitar o aparecimento da angústia. O ego, agente da defesa, conta com a *angústia sinal* para lhe alertar das situações de perigo que se aproximam, podendo, então, defender-se. A angústia sinal, conforme Quinodoz (2007), é desencadeada por uma situação de perigo, na qual o ego desenvolveu a capacidade de previsão do perigo iminente. Cabe destacar que esta situação de perigo também pode se referir a um perigo pulsional advindo do id.

A importância desse processo pode ser mais bem compreendida quando observamos os efeitos devastadores para o psiquismo quando o ego está em uma situação de surpresa, impossibilitado de utilizar seus recursos defensivos. Os mecanismos de defesa, de acordo com Valls (1996), têm em comum o objetivo de tornar inconsciente uma moção pulsional para evitar que o ego sinta angústia. Se o mecanismo de defesa falha, a quantidade de excitação pode invadir o ego, ocasionando a angústia automática, similar ao trauma.

Abordando o tema das defesas, já no contexto teórico da Segunda Tópica, Freud (1937/1975) enfatiza que o ego desempenha a função de mediador entre o id e o mundo externo, visando evitar o desprazer e protegendo o id dos perigos externos. O ego também pode adotar uma atitude defensiva em relação ao próprio id se as exigências pulsionais passarem a ser consideradas como um perigo, porque ele compreende que a satisfação poderia conduzir a conflitos com o mundo externo. O ego utiliza-se de diversos

procedimentos para desempenhar sua tarefa, a qual consiste em evitar o perigo, a ansiedade e o desprazer. Estes procedimentos são nomeados de mecanismos de defesa. Dessa forma, Freud (1937/1975) destacou que nunca teve dúvida de que o recalçamento não seria o único mecanismo que o ego utilizaria para se defender.

O aparelho psíquico não tolera o desprazer e, por isso visa evitá-lo veementemente. Os mecanismos defensivos do ego são os responsáveis pela falsificação da nossa percepção interna e, assim, temos apenas uma representação imperfeita e deformada sobre nosso próprio id. O ego, com a finalidade de defender-se dos perigos internos, é, então, alterado.

Fica evidente que os mecanismos de defesa têm o propósito de manter afastados os perigos e, portanto, não se pode pensar que o ego passasse sem esses mecanismos durante o seu desenvolvimento. Entretanto, os próprios mecanismos podem se converter em perigos, caso se tornem formas regulares de reação do caráter. Assim, os mecanismos defensivos usados de forma repetida podem preparar o caminho e incentivar o surgimento de uma patologia, já que mantê-los acarretam restrições e enfraquecimento do ego, assim como um pesado ônus a economia psíquica (Freud, 1937/1975).

As Contribuições de Anna Freud e de Melanie Klein à temática dos mecanismos de defesa

A partir da Segunda Tópica freudiana, o estudo sistemático dos mecanismos de defesa tornou-se um tema importante na investigação psicanalítica. Em *Análise Terminável e Interminável*, Freud (1937/1975) destaca ter sido sua filha Anna Freud uma das primeiras autoras a se dedicar ao estudo do papel dos mecanismos de defesa no trabalho terapêutico com crianças. Conforme Laplanche & Pontalis (2001), Anna Freud estudou e descreveu uma variedade de mecanismos defensivos, enfatizando a complexidade das operações de defesa. Assim, as contribuições de Anna Freud em relação aos mecanismos de defesa serão abordadas neste tópico, tendo em vista a importância de sua teorização para esta temática.

Outra autora que também merece destaque aqui é a psicanalista Melanie Klein. A partir de um contexto teórico próprio e criativo, Klein (1932/1975, 1935/1996, 1946/1982) descreveu e caracterizou o funcionamento da mente primitiva, assim como os seus mecanismos de defesa. Cabe destacar que ambas as autoras desenvolveram suas formulações teóricas tendo como base a Segunda Tópica freudiana. Além disso, estas psicanalistas foram as precursoras da análise de crianças, juntamente com outros analistas. Entretanto, Anna Freud e Melanie Klein apresentavam importantes divergências teóricas e

técnicas, como destaca Aberastury (1992). A própria Melanie Klein (1932/1975) em seu livro *Psicanálise da criança* afirmou que as concepções teóricas de Anna Freud diferiam das suas em vários pontos fundamentais. Ao abordar as diferenças entre sua teoria e a de Anna Freud, Klein (1932/1975) apontou que para Anna Freud “as crianças não desenvolvem neurose de transferência (...). Essa opinião difere da minha. A experiência ensinou-me que as crianças podem perfeitamente produzir uma neurose de transferência” (p. 20).

De fato, Anna Freud (1926/1971) acreditava que a neurose de transferência não se estabelecia, entretanto, considerava ser a transferência positiva um elemento importante para o desenvolvimento da análise, afirmando que “o verdadeiro trabalho fecundo sempre se realiza dentro de uma vinculação positiva” (p. 57). Já a transferência negativa deveria ser enfrentada o mais cedo possível, de acordo com a concepção da autora.

Na análise de crianças, Anna Freud (1926/1971) considerava estarem ausentes alguns elementos importantes como “a consciência de enfermidade, a decisão voluntária e a vontade de curar-se” (p. 22). Por este motivo, acreditava que a análise de crianças exige um período preparatório destinado a “fazer com que o paciente se tornasse analisável como um adulto, isto é, induzindo uma compreensão interna da perturbação, transmitindo confiança no analista e transformando a decisão de submeter-se à análise de decisão alheia em decisão própria, autônoma” (p. 23).

Um importante aspecto a ser destacado no que diz respeito à técnica de análise infantil, refere-se à técnica do brincar, cuja proposição fora feita por Klein (1932/1975). Para a autora, o brincar da criança equivale à associação livre dos adultos; no brincar, a criança expressa suas angústias, cabendo ao analista interpretá-las.

Anna Freud (1936/2006) expôs sua crítica ao método de análise infantil adotado por Klein. Sua crítica é explicitada da seguinte maneira: “se, por razões teóricas, como o fato de sentirmos certa hesitação em forçar a interpretação dos símbolos até seus limites extremos, não podemos aceitar essa completa equivalência entre livre associação adulta e atividade lúdica infantil” (p.33). Assim, a autora considerava ser necessário o desenvolvimento de outros métodos técnicos, na análise infantil, que ajudassem na investigação do ego. É preciso destacar que as restrições de Anna Freud (1936/2006) à técnica kleiniana do brincar também diziam respeito à utilização da interpretação transferencial. Para Anna Freud (1936/2006) o brinquedo, assim como o desenho, deveria ser utilizado, na análise infantil, como um meio de observação dos processos afetivos da criança a fim de viabilizar o acesso à dinâmica intrapsíquica.

A observação dos processos afetivos da criança, mais especificamente, a reação afetiva a determinadas situações, sejam estas dentro ou fora da análise, eram consideradas extremamente importantes para Anna Freud (1936/2006) em relação à análise de crianças. Segundo a autora, existiriam afetos específicos para a reação a determinadas situações; observou, no entanto, que, em alguns casos, o “processo normal” poderia ter sido perturbado pela intervenção do ego por meio de uma transformação no afeto. A manifestação de indiferença quando se esperava desapontamento e da agressividade quando se esperava angústia de castração exemplificam esta situação de transformação. O método de defesa adotado contra o afeto – seja ele inversão, formação reativa, deslocamento ou recalçamento – apresentaria indicativos, de acordo com Anna Freud (1936/2006), da atitude do ego perante as pulsões, assim como da natureza da formação de sintomas. Um dos objetivos do trabalho analítico consistia em tornar as defesas e a resistência conscientes, pois Anna Freud (1936/2006) entendia que desta maneira as tornaria inoperantes e, assim, poderia compreender e acessar os conteúdos do id.

Identificam-se, portanto, marcantes diferenças entre Anna Freud e Melanie Klein. Ao criar sua própria teoria para explicar os processos psíquicos, Klein, de fato, diferenciava-se de algumas concepções freudianas. Por este motivo e pela divergência com Anna Freud, Klein funda a Escola Britânica de Psicanálise, marcando seu lugar na história da Psicanálise (Rocha Barros & Rocha Barros, 2007). Anna Freud, embora não tenha fundado uma escola, mantinha proximidade com a Psicologia do Ego, principalmente, na difusão das idéias contidas do texto freudiano *O Ego e o Id*, de 1923, ao destacar a função sintética e mediadora do ego, segundo informa Quinodoz (2007).

O livro de Anna Freud (1936/2006), *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, foi publicado em 1936, um ano antes da publicação de *Análise Terminável e Interminável*. A obra de Anna Freud (1936/2006) constitui-se num clássico notável da Psicanálise, sendo adotada, principalmente, como referência pela Psicologia do Ego, para o estudo aprofundado do ego e das defesas psíquicas.

Partindo das concepções da Segunda Tópica freudiana, Anna Freud (1936/2006) entendia ser o ego um observador do id, já que o mesmo não é acessível à observação direta. A relação do ego com o id consiste em autorizar ou não a descarga de um impulso. Cabe salientar que, segundo a autora, caso a transferência de moções pulsionais do id para o ego causassem desprazer ao segundo, a descarga não ocorreria. A concepção de Anna Freud (1936/2006) a respeito das defesas psíquicas considerava que as moções pulsionais seguiam fazendo pressão buscando a descarga e o ego, por sua vez, contra-atacava

utilizando medidas defensivas na tentativa de inibir o impulso. Portanto, o processo de defesa é uma reação do ego que busca se proteger e ocultar um conflito.

As idéias de Freud (1926 [1925]/1976) expostas em *Inibição, Sintoma e Angústia*, acerca do papel do recalque como um dos modos de defesa psíquica, destacando não ser o único, foram retomadas por Anna Freud (1936/2006). Assim, fica evidente que o ego utiliza outras defesas para lidar com a pulsão e que estas servem à mesma finalidade que é a proteção do ego contra as exigências pulsionais. Para a autora, a defesa não incide somente sobre as exigências pulsionais, mas, também, frente a tudo que possa suscitar o desenvolvimento de angústia.

Encontram-se desenvolvidas no texto de Anna Freud (1936/2006) idéias acerca dos mecanismos nomeados por Freud, mas também sua contribuição no que se refere à proposição do mecanismo de identificação com o agressor. Conforme a autora, este mecanismo opera diante de situações geradoras de angústia para a criança, nas quais ela introjeta características do objeto que lhe causa angústia com o intuito de assimilar o evento. Neste sentido, a criança, quando personifica o agressor, assume seus atributos ou imita sua agressão, passando do lugar de ameaçada para o de ameaçadora. Este mecanismo é considerado normal, para Anna Freud (1936/2006), apenas quando empregado no conflito com figuras de autoridade, visando lidar com a angústia provocada por estes objetos.

Quando se aborda o tema das defesas psíquicas na Psicanálise, encontram-se na obra de Anna Freud importantes contribuições. Uma das primeiras analistas de crianças, Anna Freud, conquistou um espaço próprio na Psicanálise, sendo que suas proposições ultrapassam a temática dos mecanismos defensivos. De fato, foi uma analista comprometida com o desenvolvimento e a aplicação da Psicanálise para além do âmbito clínico, como destaca Gutfreind (2003) ao referir a influência exercida por Anna Freud nas práticas educacionais dos jardins de infância de Viena.

Nessa direção, Anna Freud destacou-se, como bem informa Sayers (1992), por implantar um programa de assistência infantil, em meio à 2ª Guerra Mundial, quando se tornou diretora de dois internatos infantis. Na direção dos internatos, elaborou um plano de treinamento destinado à equipe que prestaria assistência às crianças. Este treinamento incluía aulas sobre saúde da criança tanto emocional, quanto física, desenvolvimento cognitivo e emocional, administração doméstica (costura, culinária, orçamento), ginástica e educação. Através da experiência nos internatos, Anna Freud deparou-se com o sofrimento das crianças diante da separação da figura materna, passando a criticar a incapacidade do

governo em manter as crianças e suas mães juntas. Passou, portanto, a enfatizar a importância da relação com a mãe para a manutenção da saúde psíquica da criança e, assim, apoiava que as crianças permanecessem com suas famílias ou em famílias tutelares e, quando isto não era possível, tentava empregar a mãe da criança no internato a fim de mantê-las juntas. Esta valorização da *maternagem*, como descreve Sayers (1992), também provocou modificações na assistência pediátrica. Segundo o mesmo autor, em conferência destinada a médicos pediatras, Anna Freud advertiu que a hospitalização da criança poderia ter efeitos prejudiciais, caso ficasse longe da mãe, afirmando que a presença da mãe era como um escudo protetor contra as tensões internas e externas provenientes da doença, da hospitalização, dos medicamentos e dos procedimentos médicos. Assim, Anna sugeriu que as mães permanecessem ao lado de seus filhos durante intervenções médicas e que ajudassem nos cuidados que lhe eram prestados. Dessa maneira, os médicos foram orientados a não se atentarem apenas para as causas psicológicas das doenças, mas também para seus efeitos psíquicos. Conforme Sayers (1992), Anna recomendou, então, que fossem nomeados *terapeutas hospitalares* para auxiliar os médicos a lidarem com a reação emocional das crianças frente à doença e ajudar as crianças a entenderem seu processo de adoecimento e de hospitalização. A partir do exposto até aqui, pode-se resgatar o valor do legado de Anna Freud, tanto pelo conjunto de sua obra, como pelo compromisso assumido com a infância.

Sem dúvida, outra autora comprometida com os tempos iniciais do desenvolvimento humano é a psicanalista Melanie Klein, fundadora da Escola Britânica de Psicanálise, como destaca Souza (2007). Em sua obra encontram-se idéias originais acerca do desenvolvimento mental e contribuições relevantes para a noção de defesa na Psicanálise.

Ao abordar o desenvolvimento emocional primitivo, Klein (1932/1975, 1946/1982) afirma que, no início da vida, o bebê não tem ainda um ego constituído, mas sim uma estrutura precursora deste. Este ego incipiente é capaz de sentir angústia, utilizar mecanismos de defesa e estabelecer relações de objeto primitivas na realidade e na fantasia. Nessa direção, Souza (2007) salienta que o conceito de mecanismos de defesa é um construto teórico que explicita operações do ego com o intuito de se defender.

Para explicar a experiência emocional primitiva, Klein (1935/1996, 1946/1982) identifica duas formas de funcionamento mental, nomeadas de posição esquizoparanóide e posição depressiva. A concepção kleiniana de posição, conforme Souza (2007), rompe com a idéia de tempo cronológico e desenvolvimento linear, pois busca privilegiar duas grandes possibilidades de experienciar a si mesmo e ao mundo. Assim, o autor propõe pensarmos as

posições como uma espécie de óptica que norteia a percepção de si e das experiências. Segundo Souza (2007), as posições são formas de organizar-se frente às vivências que faz com que estas adquiram sentidos diferentes dependendo da óptica usada. O mesmo autor ainda aponta que “esse modo específico de ver o mundo está determinado, do ponto de vista psíquico, por uma constelação de ansiedades, defesas, fantasias e formas de se relacionar que propiciam um modo de perceber e compreender a realidade” (Souza, 2007, p. 276).

O período inicial, denominado por Klein (1946/1982), de posição esquizoparanóide, estende-se do nascimento até por volta dos cinco meses e caracteriza-se pela necessidade de lidar com a angústia paranóide, a qual mais tarde foi nomeada de angústia persecutória. Esta angústia decorre da projeção do sadismo do bebê sobre o objeto. Assim, o bebê tem medo de sofrer, por parte do objeto, os mesmos ataques sádicos que imaginava ter dirigido contra ele, sentindo-se, então, perseguido. Entende a autora que esta angústia caracteriza-se pelo medo de aniquilamento, pois é sentida como ameaça à própria vida. Então, a fim de sentir-se seguro e organizar-se internamente, o ego incipiente recorre a mecanismos de defesa primitivos, como a *projeção*, a *introjeção*, a *cisão*, e a *identificação projetiva* (Klein 1946/1982).

Para aliviar esta sensação de aniquilamento, o ego defende-se *projetando* para o exterior os aspectos destrutivos desta experiência e localizando fora de si, o que é ruim, de acordo com Klein (1946/1982). Assim, o objeto passa a ser revestido, por alguns momentos, por estas qualidades destrutivas, sendo introjetado com esta tonalidade ameaçadora e tornando-se um objeto persecutório. Ao passo que, quando o objeto satisfaz as necessidades do bebê, o ego recorre a *introjeção* do objeto “bom” como defesa contra a angústia persecutória. Segundo a autora, esta *cisão* na percepção do objeto, que ora é “bom” e ora é “mau”, revela que o ego ainda não tem a concepção de objeto total, mas sim parcial. Propõe, ainda, a autora, que o processo de *cisão* incide tanto sobre o objeto externo quanto interno o que, conseqüentemente, implica *cisão* do próprio ego.

Uma das grandes inovações de Melanie Klein para a compreensão do psiquismo e, principalmente, para a temática das defesas refere-se à introdução do mecanismo de *identificação projetiva*. Foi no texto *Notas sobre alguns Mecanismos Esquizóides* que Klein (1946/1982) referiu, pela primeira vez, o termo identificação projetiva. Neste texto, propôs ser a identificação projetiva uma defesa típica da posição esquizoparanóide para lidar com a angústia de aniquilamento. A identificação projetiva, como define a autora,

caracteriza-se pela introdução, em parte ou no todo, do próprio mundo interno dentro do psiquismo de um objeto externo com o objetivo de danificá-lo, controlá-lo ou possuí-lo.

A posição depressiva estabelece-se em torno dos seis meses e constitui-se, conforme Klein (1932/1975, 1935/1996), num grande avanço em termos psíquicos, uma vez que o objeto passa a ser percebido em sua totalidade, assim como o próprio ego. Por isso, nesta posição, os aspectos “maus” que, anteriormente, eram projetados para o objeto são reconhecidos como próprios, criando angústias de outra ordem. A angústia predominante, segundo a autora, passa a ser a de perda do objeto e a grande conquista desta experiência emocional é a possibilidade de integração do objeto através da superação da dicotomia “mau”/“bom”. A partir do momento em que ocorre a percepção de que o objeto que frustra (“mau”) é o mesmo que gratifica (“bom”), faz-se necessário elaborar a culpa decorrente do ataque ao objeto – que era visto apenas como “mau”. Nasce, então, a necessidade de reparar os danos que se fantasia ter causado no objeto.

Emerge na posição depressiva, como afirmam Figueiredo & Cintra (2004), uma “angústia culpada, na qual se tem medo dos estragos produzidos no objeto de amor” (p. 80). Por este motivo, faz-se necessária a reparação. A reparação foi observada por Klein (1935/1996) nas crianças, as quais diante da culpa advinda do ataque imaginário aos objetos de amor sentiam a necessidade de devolver-lhes a integridade, que havia sido ferida. Na análise de crianças, este mecanismo aparece através da tentativa de consertar brinquedos quebrados e da colagem, como salientam Figueiredo & Cintra (2004).

A busca pela reparação é um recurso que, vez ou outra, o psiquismo utiliza quando ocorre a danificação de um objeto de amor. Porém, quando se torna freqüente, a reparação assume um grau patológico, sendo, então, nomeada de defesa maníaca (Klein, 1935/1996). As defesas maníacas são utilizadas com o objetivo de serem anulados magicamente todos os ataques sádicos realizados contra o objeto na posição esquizoparanóide, o que conseqüentemente livraria o psiquismo da perseguição do objeto. A onipotência e a negação, defesas maníacas, são utilizadas para negar o temor à perseguição do objeto e a culpa por ter lesado o objeto. Embora as defesas maníacas não possibilitem uma real reparação, Figueiredo & Cintra (2004) apontam que em situações de dor e de desespero a utilização delas parece ser inevitável em um primeiro momento. Os mesmos autores consideram que as atividades reais de reparação precisam, em algum momento, superar a utilização de defesas maníacas, destacando que “uma coisa é negar magicamente os estragos (em grande parte, fantasiados) no objeto amado, outra coisa é ser capaz de

diferenciar realidade de fantasia, os estragos reais dos imaginários e, efetivamente, aceitar a responsabilidade pelos primeiros, procurando reduzi-los e remediá-los” (p. 83).

A elaboração da posição depressiva é o ponto mais importante do desenvolvimento psíquico, para Klein (1935/1996), uma vez que significa ter havido uma consistente introjeção do objeto bom, o que será decisivo para a capacidade de amar e reparar. A introjeção do objeto bom pode ser entendida, de acordo com Figueiredo & Cintra (2004), como a constituição de uma reserva interna de experiências de prazer “que podem funcionar como uma garantia de acesso ao prazer e à segurança, aumentando a capacidade de se tolerar estados transitórios de privação e frustração” (p. 84).

A importância de Melanie Klein para a Psicanálise é inquestionável. A respeito disto, destacam Rocha Barros & Rocha Barros (2007) que Melanie Klein, em três décadas de produção escrita, criou uma das principais correntes da Psicanálise, é uma das autoras mais influentes no campo da análise infantil e uma referência até os dias atuais. Fundou a Escola Britânica de Psicanálise, criou um sistema teórico próprio, ampliou a noção de inconsciente, introduziu conceitos inovadores como os de objeto interno e de identificação projetiva. Para o tema das defesas, são muitas as contribuições de Klein, em cuja obra se encontra um vasto terreno a ser explorado.

Considerações finais

A noção de defesa emerge, na Psicanálise, através dos estudos de Sigmund Freud sobre o padecimento histérico. No tratamento da patologia histérica, Freud (1893/1995) deparou-se com o fenômeno da resistência à lembrança de aspectos traumáticos. Este “esquecimento” foi entendido como a forma que o ego encontra para se defender diante da potencialidade traumática da recordação. Processo, este, que foi nomeado de recalçamento. Assim, a concepção de defesa psíquica nasceu com a histeria e foi a explicação para o não recordar. De “falha na tradução”, na histeria, a defesa ganhou, cada vez mais, espaço no corpo teórico da Psicanálise sendo, então, nomeada por Freud (1937/1975), em *Análise Terminável e Interminável*, de mecanismos de defesa.

Cabe destacar que no texto freudiano, a relevância do conceito de defesa extrapola o campo da patologia, no qual foi proposto inicialmente, sendo enfatizado também em sua teorização de aparato psíquico. Dessa maneira, ao considerar a dinâmica dos estágios iniciais da vida, Freud (1950 [1895]/1990) entende ser a defesa um recurso adquirido pelo ego para lidar com a excitação que ingressa no aparelho psíquico. A função do ego é a de

inibir a descarga psíquica direta, dando destinos mais complexos à excitação, como a ligação da energia livre a representações, o que possibilita a instalação do processo secundário. Esta aquisição depende da qualidade das primeiras relações estabelecidas entre o bebê e o outro humano, já que, num primeiro momento, cabe ao outro humano a função de estimular, mas também, a de conter a vida pulsional. Nesse sentido, tanto o conceito de ego como o de defesa remete, inevitavelmente, para a importância da infância – fase do desenvolvimento na qual se inscrevem marcas mnêmicas, cujos efeitos se fazem notar por toda a vida.

Tema instigante e inevitável, ao se abordar a dinâmica do psiquismo, também suscitou interrogações para outros autores, além de Freud. Encontram-se na obra de Anna Freud e de Melanie Klein abrangente e interessante produção sobre os mecanismos de defesa. Anna Freud (1936/2006) destaca a importância das medidas de defesa adotadas pelo ego diante de diferentes situações que suscitam angústia. E, sua contribuição torna-se ainda mais importante por desenvolver esta temática voltada para a compreensão do psiquismo infantil. Já Melanie Klein (1935/1996, 1946/1982), ao descrever a dinâmica do psiquismo primitivo teve sua atenção despertada para a constituição do ego, o qual de um estado de não-integração (posição esquizoparanóide), característico do início da vida, passa a um estágio de integração (posição depressiva). Neste sentido, o ego que não supera a posição esquizoparanóide se fragiliza por se relacionar com os objetos de um modo arcaico, utilizando mecanismos de defesa primitivos.

A compreensão da temática das defesas, como se pode observar, está extremamente vinculada à constituição do ego. Em termos de desenvolvimento humano, o período de latência é considerado um momento de fortalecimento egóico de fundamental importância para o enfrentamento das demandas da puberdade e da adolescência. As aquisições do ego na latência referem-se ao desenvolvimento de defesas mais complexas frente à irrupção da pulsão, o que evidencia uma maior capacidade do ego em manter o equilíbrio intrapsíquico. Neste sentido, constata-se que as defesas psíquicas podem ser medidas protetoras do ego quando usadas de uma maneira que visa preservar a *saúde psíquica*; entretanto, o uso massivo de defesas também pode ser um indicativo de conflito psíquico, bem como de fragilidade egóica. Dessa maneira, ao analisar-se a utilização de defesas é preciso interrogar frente a qual conflito o psíquico se defende, assim como quais são as condições egóicas presentes na dinâmica defensiva da latência dos dias atuais.

Referências Bibliográficas

- Aberastury, A. (1992). Duas Correntes em Psicanálise de Crianças. In Aberastury, A. *Psicanálise da Criança: Teoria e Técnica*. (pp. 60-69). 8 ed. Porto Alegre: Artmed.
- Bleichmar, S. (1994). *A Fundação do Inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Blos, P. (1998). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Blos, P. (2003). De la Latencia a la Adolescencia. In Blos, P. *Los comienzos de la adolescencia*. (p. 29-41). Buenos Aires: Amorrortu editores.
- Campos, E. B. V. (2004). A Primeira Concepção Freudiana de Angústia: uma revisão crítica. *Ágora*. 7 (1), 87-107.
- Enck, E. M. N. (2007). O Encurtamento da latência e a puberdade precoce: um problema dos tempos atuais. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*. 9 (1), 119-138.
- Ferreira, M., & Araújo, M. (2001). A Idade Escolar: latência (6 a 12 anos). In Bassols, A. M. S., Eizerik, C. L., & Kapczinski, F. (orgs). *O Ciclo da Vida Humana: uma perspectiva psicodinâmica*. (pp. 105-115). Porto Alegre: Artmed.
- Figueiredo, L. C., & Cintra, E. M. U. (2004). *Melanie Klein. Estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta.
- Freud, A. (1971). *O Tratamento Psicanalítico de Crianças*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1926).
- Freud, A. (2006). *O Ego e os Mecanismos de Defesa*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1936).
- Freud, S. (1975). Análise Terminável e Interminável. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Vol. 23*, (pp. 247-290). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1937).
- Freud, S. (1975). Esboço de Psicanálise. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Vol. 23*, (pp. 165-235). Rio de Janeiro: Imago (obra original publicada em 1940[1938]).
- Freud, S. (1976). Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Vol. 10*, (pp. 13-155). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1909).

- Freud, S. (1976). O Ego e o Id. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Vol. 19, (pp. 13-86). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (1976). Inibição, Sintoma e Angústia. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Vol. 20, (pp. 107-210). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1926[1925]).
- Freud, S. (1989). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Vol. 7, (pp. 118-217). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (1990). Projeto para uma Psicologia Científica. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Vol. 1(pp. 381-511). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1950[1895]).
- Freud, S. (1990). Carta 52. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Vol. 1 (pp. 324-331). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1950 [1896]).
- Freud, S. (1994). As Neuropsicoses de Defesa. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Vol. 3 (pp. 51-72). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1894).
- Freud, S. (1994). Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Conferência XXXI: A Dissecção da Personalidade Psíquica. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Vol. 22, (2 ed., pp. 63-85). Rio de Janeiro: Imago. 2 ed. (Obra original publicada em 1933[1932]).
- Freud, S. (1995). A Psicoterapia da Histeria. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* :Vol. 2 (3 ed, pp. 271-316). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1893).
- Freud, S. (2004). O Recalque. In Hanns, L. A. (Coordenador geral da tradução), *Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud)*: Vol. 1, (pp. 175-193). Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1915a).
- Freud, S. (2004). Pulsões e Destinos da Pulsão. In Hanns, L. A. (Coordenador geral da tradução), *Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud)*: Vol. 1, (pp. 133-173). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915b).

- Gutfreind, C. (2003). *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hanns, L. (1996). *Dicionário do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Hornstein, L. (1989). *Introdução à Psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- Hornstein, L. (2007a). Autoestima, Luces y Sombras. In Hornstein, L. *Las Depressiones: afectos y humores del vivir* (pp. 31-62). Buenos Aires: Paidós.
- Hornstein, L. (2007b) Al Yo le Pasa de Todo. In Lerner, H. Sternbeach, S. *Organizaciones Fronterizas. Fronteras del Psicoanálisis* (pp. 157-167). Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Klein, M. (1975). *Psicanálise de Crianças*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1932).
- Klein, M. (1982). Notas sobre alguns Mecanismos Esquizóides. In Klein, M., Heimann, P., Isaacs, S., & Riviere, J. *Os Progressos da Psicanálise*. (3 ed, pp. 313-343). Rio de Janeiro: LTC (Obra original publicada em 1946).
- Klein, M. (1996). Uma Contribuição à Psicogênese dos Estados Maníaco-depressivos. In Klein, M. Amor, Culpa e Reparação – *Obras Completas de Melanie Klein: Vol. 1*, (pp. 301-329). Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1935).
- Krug, J. S., Macedo, M.M.K., & Veras, J. F. (2002). Os Labirintos Psíquicos da Neurose Obsessiva. In Macedo, M.M.K. (Org.). *Neurose: leituras psicanalíticas*. (pp. 209-235). Porto Alegre: Edipucrs.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Macedo, M.M.K. (2002). Arqueologia Psíquica e Recalcamento. In Macedo, M.M.K. (Org.). *Neurose: leituras psicanalíticas*. (pp. 117-134). Porto Alegre: Edipucrs.
- Macedo, M.M.K., Gobbi, A.S., & Waschburger, E.M.P. (2004). O Corpo na Adolescência: território de enlases e desenlases. In Macedo, M.M.K. (Org.). *Adolescência e Psicanálise interseções possíveis*. (pp. 85-113). Porto Alegre: Edipucrs.
- Macedo, M.M.K. (2006). Latência e Adolescência: um olhar da Psicanálise. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*. 5 (1), 9-16.
- Nasio, J-D. (2007). *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ocariz, M.C. (2000). O Sintoma, para Além da Significação. In Ferraz, F. C., & Fuks, L. B. *A clínica conta histórias* (pp. 33-50). São Paulo: Escuta.
- Quinodoz, J-M. (2007). *Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud*. Porto Alegre: Artmed.

- Rocha Barros, E.M., & Rocha Barros, E.L. (2007). Significado de Melanie Klein. In Pinto, M. C. (Org.). *O Livro de Ouro da Psicanálise: o pensamento de Freud, Jung, Melanie Klein, Lacan, Winnicott e outros*. (pp. 221-234). Rio de Janeiro: Ediouro.
- Sarnoff, C.A. (1995). *Estratégias Psicoterapêuticas nos Anos de Latência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sayers, J. (1992). *Mães da Psicanálise: Helene Deutsch, Karen Horney, Anna Freud, Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Souza, A.S.L. (2007). Dois vértices emocionais. In Pinto, M.C. (Org.). *O Livro de Ouro da Psicanálise: o pensamento de Freud, Jung, Melanie Klein, Lacan, Winnicott e outros*. (pp. 275-282). Rio de Janeiro: Ediouro.
- Urribarri, R. (1999a). Descorriendo el Velo sobre el Trabajo de Latencia. *Revista Latino-Americana de Psicoanálisis*. 3 (1), 257-291.
- Urribarri, R. (1999b). Notas sobre Puberdade, Traumatismo y Representación. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*. 90, 132-144.
- Valls, J.L. (1996). *Diccionario Freudiano*. Buenos Aires: Julian Yebenes.
- Zavaroni, D.M.L., Viana, T.C., & Celes, L.A.M. (2007). A Constituição do Infantil na Obra de Freud. *Estudos de Psicologia*, 12 (1), 65-70.

SEÇÃO EMPÍRICA

IDENTIFICAÇÃO DOS MECANISMOS DE DEFESA NO PERÍODO DE LATÊNCIA ATRAVÉS DO TESTE DOS CONTOS DE FADAS

Introdução

A Psicanálise, como teoria, método e técnica, possibilita a compreensão, não somente da patologia psíquica, mas também do processo de constituição subjetiva. Conforme afirmam Dockhorn & Macedo (2008), a Psicanálise é uma eficiente ferramenta tanto de reflexão quanto de entendimento e questionamento dos fenômenos humanos. As autoras ainda destacam que a Psicanálise nasceu visando dar conta da patologia histérica, mas, pouco a pouco, se afirmou como uma teoria complexa do aparato psíquico. Assim, no intuito de buscar a etiologia da histeria, Freud (1894/1994, 1905/1989, 1950[1895]/1990) aprofundou-se no entendimento da dinâmica da neurose, desenvolvendo os conceitos psicanalíticos fundamentais, como os de Inconsciente, Recalque, Sexualidade Infantil, Complexo de Édipo e Transferência. No decorrer de sua obra, outras proposições ganham destaque, como, por exemplo, a importância atribuída à instância egóica a partir da Segunda Tópica freudiana. Além disso, cabe destacar que a noção de defesa, tanto na Primeira quanto na Segunda Tópica freudianas, sempre ocupou um espaço privilegiado no contexto teórico e técnico da Psicanálise.

Nesse sentido, evidencia-se a importância do estudo e da pesquisa que envolva a compreensão do processo de estruturação psíquica, de constituição do ego e de sua capacidade de utilizar recursos defensivos frente a conflitos. Em Freud (1905/1989, 1923/1976, 1950[1895]/1990), encontra-se um fecundo raciocínio a respeito da importância dos tempos primeiros do psiquismo, assim como se faz presente um pensamento que possibilita afirmar a importância do ego e das defesas na infância e ao longo da vida do sujeito. Por isso, é relevante problematizar a singularidade da relação que se estabelece entre infância e defesas, buscando, também, contemplar aportes de outros autores os quais, assim como Freud, oferecem subsídios para pensar a respeito da inter-relação entre mecanismos de defesa e situações de angústia enfrentadas pelo sujeito.

O conceito de mecanismos de defesa vem sendo estudado desde os primórdios da Psicanálise, primeiramente através da teorização freudiana e, posteriormente, com as proposições de Anna Freud e de Melanie Klein, principalmente. Ao longo do texto freudiano, podem ser delimitados alguns momentos acerca da concepção de defesa. Em uma primeira etapa, pode-se destacar a concepção de defesa proposta por Freud, presente no texto *Projeto para uma Psicologia Científica*, de 1895, e, posteriormente, em seus textos sobre a histeria, relativos aos anos de 1893 a 1897.

Nestes anos iniciais de desenvolvimento teórico da Psicanálise, a defesa é equiparada ao recalçamento, sendo este definido como uma operação que tira da esfera consciente o conflito psíquico. Trata-se, então, de uma tentativa de evitar o conhecimento, por parte do sujeito, de conteúdos conflitivos. A não tradução de um conteúdo traumático implicaria sua exclusão da consciência, a partir desta definição freudiana de recalçamento.

Um segundo momento pode ser identificado após a concepção teórica de aparelho psíquico da Primeira Tópica, no qual a defesa ao incidir sobre a representação intolerável envia-a para um outro lugar psíquico: o Inconsciente. Os textos de referência para esta concepção são *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900, e os textos de metapsicologia de 1914-1915, principalmente *O Recalque*.

Por fim, um terceiro momento pode ser localizado a partir dos textos freudianos da Segunda Tópica, destacando-se entre eles *Inibição, Sintoma e Angústia*, de 1926, e *Análise Terminável e Interminável*, de 1937. Freud (1926[1925]/1976) aborda o processo de defesa como uma aquisição psíquica do ego para fazer frente à força da pulsão. Assim, emerge a idéia de que a possibilidade de defesa decorre da complexização da instância egóica. O ego que se torna cada vez mais apto a detectar o sinal de angústia, pode, então, defender-se antes de ser invadido, de surpresa, pela angústia – invasão que poderia ser traumática. Assim, as defesas aproximam-se da idéia de operações mais complexas que visam à proteção do psiquismo.

Na Psicanálise pós-freudiana, Anna Freud (1926/1971, 1936/2006, 1965/1987) destacou-se por ter atribuído, ao longo de sua obra e, principalmente, com a publicação em 1936 de seu livro *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, especial importância à instância egóica e suas operações defensivas. A autora teve sua atenção despertada para a dinâmica do ego e de seu processo de defesa ao perceber, no processo de análise, que esta instância psíquica poderia aliar-se ao analista, mas, também poderia impor obstáculos e impedir o andamento do tratamento psicanalítico. Segundo o entendimento da autora, no processo de análise, a defesa empregada pelo ego do paciente contra as pulsões manifestava-se, também, como resistência ao tratamento e ao analista. Assim, sua técnica incluía a análise das resistências do ego, a qual propiciava a observação das operações inconscientes de defesa do ego em plena ação, assim como possibilitava trazê-las para o consciente, visando torná-las inoperantes.

Partindo do texto freudiano *Inibição, Sintoma e Angústia*, de 1926, Anna Freud (1936/2006) sintetizou algumas das descobertas freudianas. A autora destacou que as

defesas regressão, formação reativa, isolamento e anulação eram operações defensivas empregadas na neurose obsessiva. Também Anna Freud ressaltou que a introjeção e a projeção eram defesas características da paranóia, do ciúme e do homossexualismo. Os destinos pulsionais transformação no contrário e volta contra a própria pessoa, teorizados por Freud (1915/2004), foram entendidos, por Anna Freud (1936/2006), como métodos de defesa, uma vez que são formas de intervenção do ego contra a gratificação das pulsões. Conforme descreveu a autora, o ego possui os seguintes métodos de defesa para lidar com os conflitos: regressão, recalque, formação reativa, isolamento, anulação, projeção, introjeção, transformação no contrário e volta contra a própria pessoa. Cabe destacar que, na concepção de Anna Freud (1936/2006), a sublimação é identificada como um mecanismo defensivo.

A abordagem de Anna Freud sobre os mecanismos também contempla uma classificação cronológica. Em relação ao recalque, a autora apontou que se este mecanismo é responsável por manter o perigo pulsional afastado do pólo consciente, não faria sentido falar em recalque antes que se tenha estabelecido a diferenciação entre o id e o ego. Da mesma forma, ela entende que os mecanismos de projeção e introjeção só trarão alívio para o ego quando estiver estabelecida sua capacidade para distinguir entre o si mesmo e o mundo externo. Segundo Anna Freud (1936/2006), “a sublimação, isto é, o deslocamento da finalidade pulsional, em conformidade com valores sociais mais elevados, pressupõe a aceitação ou, pelo menos, o conhecimento de tais valores; quer dizer, pressupõe a existência do superego” (p. 43). Por fim, a autora identificou serem os mecanismos de regressão, transformação no contrário e volta contra a própria pessoa independentes do estágio que a estrutura psíquica atingiu, uma vez que seriam “tão antigos quanto as próprias pulsões” (p. 43). Assim, os mecanismos de recalque e sublimação são considerados aquisições mais tardias no processo de desenvolvimento; já a identificação do surgimento da projeção e da introjeção depende do ponto de vista teórico adotado. Mesmo tendo feito esta proposta de entendimento cronológico dos mecanismos de defesa, Anna Freud (1936/2006) destacou que, talvez, fosse mais produtivo estudar as situações que provocam as reações de defesa do que classificá-las.

Nessa direção, Anna Freud (1936/2006) indicou que a defesa contra as pulsões tem diferentes origens. A autora propôs, portanto, que a angústia advinda do superego, da realidade externa e do medo da força das pulsões aciona o processo defensivo.

Na dinâmica da angústia advinda do superego, Anna Freud (1936/2006) considerava que “um desejo pulsional tenta penetrar na consciência e, com a ajuda do ego,

obter gratificação. O ego não se oporia à admissão desse desejo, mas o superego protesta” (p. 45). Assim, nesta concepção, o motivo que instigou o ego a se defender não era originalmente seu, mas sim oriundo do superego. A pulsão só passou a ser considerada perigosa porque o superego proibiu sua gratificação. Apontou a autora que, na neurose dos adultos, é justamente esta dinâmica que se faz presente, afirmando que “o ego do neurótico adulto teme as pulsões, porque teme seu superego. Sua defesa é motivada pela angústia do superego” (p 45).

Na situação de uma neurose infantil, assim como na de adultos, indicou Anna Freud (1936/2006) que o ego não combate às pulsões por vontade própria. Porém, na neurose infantil, a fonte de angústia é a realidade externa. Assim, as crianças temem suas pulsões por temerem o mundo externo. Dessa forma, as crianças deixam de buscar a gratificação de determinada demanda pulsional que seria reprovada pelas figuras parentais. Esta defesa que é motivada pelo medo do mundo exterior foi nomeada por Anna Freud (1936/2006) de angústia objetiva.

Por sua vez, a angústia pulsional emerge caso as exigências pulsionais tornem-se excessivas e a instância egóica sinte-se abandonada pela proteção do superego, sendo, então, a pulsão intensificada até gerar angústia. Aqui, o medo da força das pulsões leva ao temor de que toda organização egóica seja destruída. Percebe-se, portanto, por meio das contribuições de Anna Freud (1926/1971, 1936/2006, 1965/1987), uma importante colaboração teórica e clínica para a Psicanálise, na medida em que a autora enfatiza a relevância de compreender a dinâmica conflitiva que subjaz ao uso das defesas psíquicas.

Quando é abordada a temática das defesas na infância, outra autora clássica da Psicanálise é Melanie Klein. Os mecanismos de defesa, de acordo com Klein (1932/1975, 1935/1996), são formas que o psiquismo possui de lidar com determinadas angústias. A autora abordou e descreveu as posições esquizoparanóide e depressiva, as quais possuem angústias típicas e, conseqüentemente, modos de defesas próprios. Ressalta-se existir uma precedência cronológica da posição esquizoparanóide em relação à posição depressiva, embora ocorra uma oscilação entre a dinâmica de cada posição.

Na posição esquizoparanóide, o ego busca, constantemente, livrar-se da angústia de uma forma rápida e violenta, a fim de manter a homeostase do psiquismo, conforme afirma Klein (1946/1982). Nesta posição, a angústia predominante é a de perseguição. O ego, através da projeção de seus aspectos destrutivos, identifica o objeto com estes elementos agressivos, “maus”, por não ter capacidade de tolerá-los em si mesmo. Assim, o ego passa a se sentir perseguido e ameaçado pelo objeto e, por isso, o ataca, dirigindo seus impulsos

destrutivos contra ele. Identifica-se, nesta posição, a utilização dos mecanismos de projeção, introjeção, cisão e identificação projetiva.

A posição depressiva exige o aumento da tolerância à frustração e da integração dos aspectos “bons” e “maus”, cindidos na posição esquizoparanóide. Para que isto ocorra, o psiquismo utiliza a *reparação*, na tentativa de aliviar a culpa, por ter atacado o objeto, e de minimizar os estragos que fantasia ter causado no objeto, durante a posição esquizoparanóide. Entretanto, podem fazer-se presentes algumas defesas maníacas, como a negação e a onipotência, com o objetivo de anular magicamente os ataques agressivos feitos ao objeto.

Em termos de desenvolvimento psíquico, Figueiredo & Cintra (2004) apontam ser um avanço importante a capacidade de o psiquismo suportar a frustração decorrente dos limites, das perdas e das separações, sem recorrer aos mecanismos esquizoparanóides e às defesas maníacas. O ego precisa, então, fortalecer-se para lidar com a pulsão destrutiva, sem precisar recorrer às defesas precoces. De acordo com os autores, um ego forte, em termos kleinianos, é aquele capaz de integrar a vida pulsional, sendo capaz de articular as exigências do id, do ego e do superego em uma dinâmica flexível. Da mesma forma, é de fundamental importância, no processo de fortalecimento egóico, que o psiquismo seja capaz de internalizar e proteger o objeto “bom”; internalização essa que provém do vínculo parental permeado por amor, gratidão e capacidade de reparar.

No referencial psicanalítico, ainda podem ser identificados outros autores que contribuíram para a temática das defesas. Nessa direção, um importante autor é o psicanalista Donald Winnicott, o qual, a partir de sua teoria do *self*, descreveu o verdadeiro *self*, espontâneo, e o falso *self*, artificialmente estruturado devido à adaptação excessiva ao meio. A partir das contribuições teóricas e técnicas de Donald Winnicott, Coulacoglou (2008) entende ser a constituição de um *falso self* – fundamental conceito winnicottiano – fruto de uma tentativa de defesa contra o ambiente traumático. Segundo a autora, outra contribuição provém de Otto Kernberg, psicanalista, que contribuiu muito com suas relevantes proposições a respeito da definição da organização defensiva dos pacientes com personalidade *borderline*. Assim ao explorar as características da estrutura de personalidade *borderline*, Kernberg (1989) destacou e abordou a fragilidade egóica, a qual se relaciona com o uso de mecanismos de defesa primitivos, como, por exemplo, a cisão, a idealização primitiva, a identificação projetiva, a negação, a onipotência e a desvalorização. Essas defesas, segundo o autor, são utilizadas com o intuito de proteger o ego, já fragilizado, da invasão da angústia, principalmente, a de separação e de perda do

objeto; porém, ressalta o autor que a utilização dessas defesas primitivas implica enfraquecimento do ego, reduzindo sua flexibilidade e capacidade de adaptação. Cabe destacar ainda que as operações defensivas são um aspecto importante a ser considerado no diagnóstico, tendo em vista que a organização neurótica está centrada no mecanismo de recalque, enquanto que a organização *borderline* apresenta, predominantemente, defesas primitivas centradas na cisão (Kernberg, 1989, Kernberg et al., 1991).

No contexto da pesquisa, Blaya et al. (2006) exploram a investigação a respeito das defesas psíquicas, principalmente, no que se refere à sua mensuração através de uma escala auto-aplicável denominada de DSQ-40. O estudo de confiabilidade e validade da versão brasileira do DSQ-40, realizado por Blaya et al. (2007), indica que a versão em português do instrumento possui características psicométricas que permite o seu uso em nossa cultura.

Blaya et al. (2003) consideram ser um obstáculo ao estudo dos mecanismos de defesa a dificuldade em acessá-los. Assim, o método clínico, as técnicas projetivas e os questionários auto-aplicáveis são apontados pelos mesmos autores como formas existentes e adequadas para acessar os mecanismos de defesa tanto nos âmbitos clínico quanto no empírico.

O *Defense Style Questionnaire* (DSQ) foi desenvolvido por Bond et al. (1983) e constitui-se em um questionário auto-aplicável para adultos com 67 questões no qual são avaliados os derivados conscientes dos mecanismos de defesa. Bond, Andrews & Singh (1993) apresentaram o DSQ-40, versão reduzida do DSQ, com 40 questões que mensura 20 defesas, as quais são divididas em três grupos: defesas maduras, neuróticas e imaturas. Cabe salientar que a proposição de uma classificação das defesas proveio de um estudo longitudinal realizado por Vaillant (1971). Nesse estudo, o autor acompanhou a vida de 30 homens (da população geral) ao longo de 25 anos, realizando entrevistas e administrando instrumentos com o objetivo de avaliar mudanças no repertório defensivo ao longo da vida, assim como o uso de defesas em situações adversas. A partir dos resultados obtidos nessa investigação, Vaillant (1971) propôs uma hierarquia dos mecanismos de defesa, dividindo-os em maduros, neuróticos e imaturos. Vaillant (1971), Vaillant, Bond & Vaillant (1986) referem que dentre as defesas consideradas *maduras* estão a sublimação, o humor, a antecipação e a supressão; dentre aquelas classificadas como *neuróticas* encontram-se: a anulação o pseudo-altruísmo, a idealização e a formação reativa; e as *imaturas* são: a projeção, a agressão passiva, o *acting out*, o isolamento, a desvalorização, a fantasia autística, a negação, o deslocamento, a dissociação, a cisão, a racionalização e a

somatização. O instrumento está organizado da seguinte forma: existem sentenças que exemplificam os mecanismos de defesa e para cada uma delas o sujeito deve escolher um número numa escala de 1 a 9, na qual o número 1 indica *discordo completamente* e o número 9, *concordo plenamente*. Existem duas sentenças para avaliar cada mecanismo de defesa. O DSQ-40 vem sendo utilizado em pesquisas empíricas para verificar um estilo defensivo próprio de determinada patologia (Blaya et al., 2006, Bond, 2004) e as mudanças ocorridas no uso de mecanismos de defesa após intervenção psicoterápica (Bond & Perry, 2004).

Faz-se necessário, no entanto, destacar uma carência de trabalhos que abordem a temática das defesas através de técnicas projetivas voltadas para a infância. Atualmente, no Brasil, tem-se, como técnica projetiva infantil disponível para uso clínico e em pesquisas, principalmente, o Teste das Fábulas. Outras técnicas projetivas infantis, como, por exemplo, o CAT, não estão sendo comercializadas no Brasil devido a Resolução 002/2003 do Conselho Federal de Psicologia, que define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos (Conselho Federal de Psicologia, 2003).

O Teste dos Contos de Fadas (TCF), instrumento projetivo temático, em processo de adaptação para a realidade brasileira, é um teste psicológico baseado nos conceitos psicanalíticos com subsídios consistentes para avaliação da personalidade infantil em distintas dimensões, de acordo com Macedo & Werlang (2008). Destaca-se a possibilidade de identificação da integridade do ego, assim como a constatação do uso e da identificação de mecanismos defensivos diante de determinados temas e conflitos mobilizados pelo instrumento.

O TCF foi desenvolvido pela psicóloga infantil Carina Coulacoglou, como parte de sua tese de doutorado realizada na Universidade de Exeter, na Inglaterra, entre 1989 e 1993. O interesse da autora deste instrumento em investigar a possibilidade de usar os contos de fadas na avaliação psicológica infantil teve início com sua pesquisa de mestrado, ao constatar que os contos possibilitariam o acesso à personalidade infantil. A primeira padronização do teste foi realizada na Grécia, país de origem da referida autora, com uma amostra de 800 crianças com idades entre 7 e 12 anos. Entre 2001 e 2003, Coulacoglou (2008), organizou a re-padronização do TCF na Grécia, com uma amostra de 873 crianças com idades entre 6 e 12 anos.

Esse instrumento, conforme refere Coulacoglou (1995, 2002a, 2008), vem sendo amplamente utilizado no âmbito clínico, principalmente, na avaliação da dinâmica da personalidade da criança, oferecendo informações não somente a respeito de traços de

personalidade individuais, mas, também, de seus inter-relacionamentos. O teste é, ainda, utilizado, como medida de avaliação de possíveis mudanças de personalidade ao longo do tempo e, também, como uma ferramenta na pesquisa clínica e transcultural. A autora salienta que como é um instrumento que pode ser utilizado em diversas culturas, diferentes países têm se interessado em adaptar o TCF para suas realidades culturais. Dessa forma, o TCF foi adaptado para ser utilizado em países como a Índia, a Turquia, a China, a Rússia e está em processo de adaptação no Brasil, no México, no Peru, na Venezuela, no Japão, na Indonésia e na Alemanha.

Um estudo sobre os mecanismos de defesa foi realizado por Coulacoglou (2008), com base no exame de 873 protocolos do TCF de crianças gregas da população geral, com idades entre 6 e 12 anos. A autora identificou neste estudo que 68% das respostas das crianças ao TCF apresentaram pelo menos um tipo de mecanismo de defesa e menos de 5% apresentaram mais de dois tipos de defesa. Nos protocolos das crianças gregas, os tipos de mecanismos de defesa que mais comumente apareceram foram: anulação (17,3%), negação (15,8%), projeção (7,2%) e formação reativa (7%). Em relação à anulação, Coulacoglou (2008) verificou a existência de relação significativa ($p < 0,001$) entre o uso desta defesa e altos escores nas variáveis Desejo de Superioridade, Agressão como Dominância, Necessidade de Aprovação, Desejo de Ajudar e Moralidade. Porém, não houve associação significativa entre o mecanismo de anulação e as variáveis idade e gênero. O mecanismo de defesa negação não apresentou associação significativa com nenhuma das outras variáveis, tampouco com a idade e com gênero. A defesa formação reativa apresentou associação significativa com o fator Impulsividade ($p < 0,006$), que inclui as variáveis Preocupação Sexual, Respostas Bizaras, Adaptação ao Conteúdo do Conto de Fadas e Necessidade de Aprovação e com o fator Dominância e Culpa ($p < 0,001$), que inclui as variáveis Desejo de Superioridade, Agressão como Dominância, Necessidade de Aprovação, Desejo de Ajudar e Moralidade; não foi verificada associação entre o mecanismo de formação reativa e idade e gênero.

O TCF passou por um processo de adaptação para ser utilizado na Turquia, na China e na Índia. Isso permitiu que Coulacoglou (2008) realizasse um estudo transcultural comparativo sobre o tema das defesas na Turquia, China, Índia e Grécia. Através desta investigação, Coulacoglou (2008) identificou que os mecanismos de defesa estavam presentes em 77,6% dos protocolos na Turquia (N=500), em 60% na China (N=500), em 60% na Índia (N=1.100) e em 68% na Grécia (N=873).

Esse estudo também possibilitou a constatação de que o mecanismo de defesa mais freqüente, nas quatro culturas, é a *anulação*, com percentual de 27,2% na Turquia, 14% na China, 19% na Índia e 17% na Grécia. Coulacoglou (2008) afirma a partir dessa constatação que a anulação é o tipo mais comum de defesa observado no TCF, embora as causas para a utilização do mesmo possam ser diferentes em cada cultura. Assim, a autora identificou que, na Turquia, a anulação é o primeiro recurso utilizado frente à agressão, à ansiedade e à depressão; na China, frente à auto-imagem negativa, à severidade do superego, sentimentos de rejeição, solidão, insegurança, agressão e tristeza; na Índia, frente à auto-imagem negativa, a severidade do superego, sentimentos de rejeição e insegurança; e, na Grécia, frente às violações do superego, depressão, ansiedade, auto-imagem negativa e agressão.

Foi, também, constatado por Coulacoglou (2008) que a *negação* se fez presente em 22% dos protocolos na Turquia, em 9,2% na China, em 10,4% na Índia e em 15,8% na Grécia. De acordo com a análise da autora, em todas as culturas, a negação foi empregada, geralmente, frente à irrupção de impulsos agressivos, ao medo da agressão e com o intuito de distorcer as características ameaçadoras de um dos personagens (comumente nos cartões do Gigante). Na Grécia, a Negação também foi utilizada, embora em menor extensão, diante de sentimentos de medo e de ansiedade.

O mecanismo *projeção* fez-se presente na China, na Índia e na Grécia, em menos de 8% dos protocolos. Na Índia, a projeção fez-se presente em situações de ansiedade, enquanto na China e na Grécia esse mecanismo apareceu, mais freqüentemente, com os conteúdos de agressão.

Quanto ao mecanismo de *cisão*, Coulacoglou (2008) demonstrou que este foi pontuado em 23,2% dos protocolos na Turquia, em 11,6% na China e em 7% na Índia. A autora verificou que, na Turquia, a cisão do *self* é mais freqüente do que a cisão do objeto, mecanismo esse no qual a criança atribui características positivas (por exemplo, é bondoso, amigo e solidário) ao personagem de um cartão e no cartão seguinte, da mesma série de cartões, o personagem aparece com atributos negativos (por exemplo, é maldoso e destrutivo). Na China, a cisão da figura materna aparece mais freqüentemente do que a cisão do *self*, observada nos nomes que as crianças escolhem para as Bruxas e para os Gigantes. Na Índia, destacam-se alguns aspectos culturais no emprego da defesa cisão, como o fato de se atribuir alguns poderes sobrenaturais aos personagens que, geralmente, são atribuídos, na Índia, aos animais. Geralmente, a cisão é utilizada contra conteúdos de cunho agressivos e de elementos sádicos.

A *repressão* fez-se presente apenas nos protocolos das crianças turcas e a *formação reativa*, nos protocolos das crianças gregas. Na Turquia, a repressão foi empregada contra as variáveis Agressão, Depressão, Ansiedade e Preocupação Sexual. A formação reativa, na Grécia, foi empregada somente contra impulsos agressivos (Coulacoglou, 2008).

A interpretação qualitativa das defesas no TCF inclui a identificação de situações conflitivas que demandam a utilização de mecanismos defensivos. Para auxiliar nesta interpretação, Coulacoglou (2008) propôs uma categorização das defesas de acordo com as respostas das crianças diante de conflitos. A categoria *Formas imaturas ou infantis de lidar com conflitos ou sentimentos inaceitáveis* inclui defesas típicas dos estágios iniciais do desenvolvimento, como, por exemplo, a regressão, e defesas que se caracterizam pela manifestação da impulsividade e da falta de controle, como no caso do *acting out*. Já os mecanismos de defesa negação, cisão e repressão foram agrupados na categoria nomeada de *Recusa em aceitar conflitos e medos*. Nesta categoria, as defesas são usadas com o intuito de ignorar, evitar tornar consciente ou recusar situações ou objetos que evoquem ansiedade e dor. A categoria *Transformar uma situação negativa em uma situação neutra ou positiva* engloba os mecanismos de defesa anulação, negação, compensação e formação reativa. Em outra categoria, identificada como *Redirecionamento ou projeção de impulsos ou conflitos*, encontram-se alocados os mecanismos de defesa projeção, identificação projetiva, agressão contra a própria pessoa e deslocamento; defesas utilizadas contra impulsos agressivos ou sentimentos inaceitáveis em relação a si mesmo, os quais são direcionados para alvos menos ameaçadores. E, por fim, a autora propõe a categoria *Justificativas cognitivas para controlar impulsos, conflitos e medos*, a qual engloba os mecanismos de defesa racionalização e intelectualização.

A identificação dos mecanismos de defesa, no TCF, também pode ser feita através da verificação da presença de situações consideradas ameaçadoras frente às quais as crianças precisam se defender (Coulacoglou, 2008). As respostas que contém conteúdos de agressividade podem incluir sentimentos de culpa e de autopunição, fazendo com que a criança utilize mecanismos de defesa, principalmente a anulação. Em relação à temática do narcisismo, Coulacoglou (2008) constatou que as defesas mais utilizadas contra desejos narcisistas e baixa auto-estima são a negação, a anulação e a compensação. As defesas empregadas contra os subtipos da variável Ansiedade e Depressão incluem anulação, negação e repressão. Com frequência, os mecanismos defensivos regressão e repressão aparecem junto com a variável Preocupação Sexual. Já quando a criança tem uma percepção negativa da figura materna, identificando-a como aquela que rejeita, priva,

maltrata e abusa, fazem-se presentes, comumente, os mecanismos de defesa cisão e negação.

Cramer (1991 citado por Coulacoglou, 1995) considera que os mecanismos de defesa podem estar presentes na própria trama do conto de fadas. Na concepção do autor, a história da Chapeuzinho Vermelho reflete o mecanismo de negação. A defesa aparece quando Chapeuzinho encontra o lobo, demonstrando não reconhecer que se trata de uma situação perigosa e de quão mau o lobo é. Na cena em que Chapeuzinho chega à casa da avó e o lobo está no lugar da avó, também se faz presente a negação. Assim, se o lobo pode ser negado, o medo também.

As defesas fazem parte do processo de estruturação do psiquismo e do ego, podendo se complexizar ao longo do desenvolvimento, assim como podem se relacionar ao padecimento psíquico. Além disso, salienta-se que o uso de determinadas defesas possibilita o entendimento da dinâmica do funcionamento intrapsíquico. Assim, o estudo das defesas é relevante tanto no sentido de abordar a estruturação do psiquismo, quanto no trabalho de prevenção e intervenção das manifestações psicopatológicas.

Considerando a relevância da identificação do uso de mecanismos defensivos no período de latência, uma vez que esses podem ser um indicativo do desenvolvimento do ego ou da presença de conflito, buscou-se uma forma de verificar como ocorre seu uso nessa etapa do ciclo vital. O psicólogo dispõe de distintos recursos para acessar os conteúdos psíquicos. Ao fazer uso da entrevista psicológica, por exemplo, como instrumento de investigação, podem ser acrescentados outros recursos. Entre eles estão os testes projetivos aperceptivos que se mostram estratégias eficazes de acesso e conhecimento da dinâmica intrapsíquica. Os testes projetivos que envolvem histórias infantis são instrumentos que propiciam a projeção de conflitos devido à distância temporal (“era uma vez”) e ao conteúdo fantástico dos contos, como destacam Macedo & Werlang (2008). Dessa maneira, os conflitos vividos pelos personagens estão, aparentemente, muito distantes daqueles experimentados pelas crianças.

Nessa direção, Macedo & Werlang (2008) salientam que o TCF é um instrumento eficaz para acessar a dinâmica da personalidade infantil, os conflitos e as defesas psíquicas. Ressalta-se que os mecanismos defensivos são um importante aspecto da personalidade a ser identificado em um processo de testagem. Conforme Coulacoglou (2002a, 2008), a compreensão do papel desempenhado pelas defesas na dinâmica do conflito psíquico é relevante, uma vez que possibilita identificar aspectos relativos à integração da instância egóica.

O objetivo deste estudo é, portanto, identificar os tipos de mecanismos de defesa presentes nas respostas ao TCF de crianças brasileiras, da cidade de Porto Alegre, com idades entre 6 e 11 anos. Também é objetivo desta pesquisa identificar as diferenças nos tipos de mecanismos de defesa, conforme idade, tipo de escola e sexo, assim como identificar os mecanismos de defesa presentes nas sete séries de cartões do TCF.

Considerando-se, portanto, fundamental a importância dos recursos defensivos na dinâmica do funcionamento psíquico normal ou patológico, a partir da constatação do determinante papel das defesas psíquicas no enfrentamento de conflitivas inerentes ao ciclo vital, justifica-se a relevância do objetivo deste estudo de buscar identificar os tipos de mecanismos de defesa empregados por crianças no período de latência através do TCF.

Método

Amostra

Participaram deste estudo 72 crianças, localizadas por conveniência, dos sexos feminino e masculino, com idades entre 6 e 11 anos, matriculadas em escolas públicas e privadas da cidade de Porto Alegre. A partir do critério de classificação tipo de escola, os 72 participantes constituíram dois subconjuntos de 36 sujeitos cada um, conforme escola pública e privada. Cada um desses subconjuntos foi constituído novamente, por outros dois, de 18 crianças cada, de acordo com o critério de classificação: sexo masculino e feminino. Por sua vez, cada um deles foi constituído novamente por mais dois outros subconjuntos de 9 sujeitos cada um, de acordo com o critério de classificação idade, compreendendo menor idade (6 a 8 anos) e maior idade (9 a 11 anos). Para inclusão dos sujeitos na amostra, os critérios utilizados foram a concordância dos pais ou responsáveis para que a criança participasse do estudo e a ausência de comprometimento intelectual.

Instrumentos

Para caracterizar os participantes do estudo, foi utilizada uma Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos elaborada para esta finalidade. A ficha apresenta itens para o registro de informações sobre sexo, idade, escolaridade, composição do núcleo familiar, entre outros. Para serem excluídos os casos com suspeita de comprometimento intelectual, foi administrado, de forma individual, o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven -

Escala Especial (Angelini et al., 1999). O TCF foi utilizado para a identificação dos mecanismos de defesa. Para a categorização de respostas da variável mecanismo de defesa, foi utilizado o sistema de Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008), conforme consta no Quadro abaixo:

Quadro 3. Definição da variável Mecanismo de Defesa conforme Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008).

MECANISMOS DE DEFESA	DESCRIÇÃO DA VARIÁVEL
<i>Anulação</i>	Na Anulação, o indivíduo retifica ou nega pensamentos, sentimentos ou ações consideradas inaceitáveis. No TCF, a Anulação é empregada como uma defesa contra desejos narcisistas, baixa auto-estima, medo de agressão e agressão.
<i>Negação</i>	Mecanismo empregado diante dos impulsos agressivos e da realidade externa considerada ameaçadora. No TCF, há evidências do uso da Negação quando a criança: a) Transforma as características negativas de uma figura ameaçadora em seu oposto; b) Nega pensamentos e sentimentos proibidos ou ameaçadores. Comumente visto nas respostas à pergunta “Qual dos três te dá mais medo?”; c) Minimiza a ação agressiva ou ameaçadora; d) Reverte a realidade do tema do conto de fadas; e) Distorce as características assustadoras das imagens ou o conteúdo que a imagem comumente evoca; f) Recusa a realidade de suas afirmações.
<i>Projeção</i>	Na Projeção, os impulsos, sentimentos ou pensamentos não tolerados pelo ego são atribuídos a outro objeto. No TCF, esse mecanismo pode ser utilizado: a) Diante de características de personalidade inaceitáveis e/ou sentimentos que são atribuídos a outros: “Os outros têm medo, não eu”; b) Com o objetivo de responsabilizar os outros pelos pensamentos e/ou impulsos: “A culpa é dele, não minha”; c) Em situações de insegurança de forma a evitar esse sentimento: “São os outros que precisam de ajuda, não eu.”
<i>Formação Reativa</i>	Na Formação Reativa, sentimentos e impulsos inaceitáveis são substituídos por seus extremos opostos. No TCF, os escores altos nas variáveis Desejo de Ajudar e Ansiedade (preocupação com os outros) podem indicar a presença desse mecanismo de defesa.
<i>Repressão</i>	A Repressão consiste em um esquecimento “proposital” ou falha em reconhecer desejos ou pensamentos proibidos ou perturbadores. É um mecanismo de difícil localização nas técnicas projetivas. Em relação ao TCF, há evidências do uso de Repressão quando a criança: a) Responde com “Eu não sei” ou “Eu não me lembro”; b) Produz uma resposta genérica ou vaga, e a resposta anterior reflete fortes emoções.
<i>Cisão</i>	Na Cisão, o indivíduo não é capaz de integrar os aspectos positivos e negativos de si mesmo ou dos objetos. A Cisão do <i>self</i> ou do objeto pode ser, eventualmente, observada nas respostas ao TCF, quando a criança: a) Fornece uma resposta positiva, seguida de uma resposta negativa; b) Dá uma resposta com duas descrições opostas de uma mesma figura; c) Nega os aspectos negativos de seu <i>self</i> e os projeta

	sobre uma aparência externa; d) Em resposta à pergunta “Descreva cada cena do conto da Chapeuzinho Vermelho”, fornece descrições opostas da mãe, descrevendo a mãe, em um cartão, como sendo uma madrasta ou bruxa malvada, enquanto que, em outro cartão, apresenta a mãe como uma mulher ou fada. Da mesma forma, a criança pode descrever a mãe como estando morta em um cartão e viva em outro.
<i>Racionalização</i>	Na Racionalização, explicações socialmente aceitas e aparentemente lógicas são fornecidas diante de atos ou decisões que produzam ansiedade.
<i>Identificação Projetiva</i>	Na Identificação Projetiva, um afeto ou impulso é considerado inaceitável e, assim, é projetado sobre outra pessoa como se esta pessoa fosse realmente aquela que originou aquele afeto ou impulso. A presença dessa defesa deve ser analisada da seguinte forma: Na pergunta “Qual gigante/bruxa te dá mais medo? Por quê?” A criança deve escolher um dos três cartões. Se a resposta a essa pergunta revela a presença da variável Medo de Agressão, analisamos o que a criança havia respondido para este mesmo cartão à pergunta “O que cada gigante/bruxa pensa e sente?”. Nos casos em que a resposta revela forte agressão, então, descobre-se que a resposta à pergunta “Qual gigante/bruxa te dá mais medo. Por quê?” é defensiva, como, por exemplo: “O gigante número 3 me assusta mais, porque ele quer me machucar, porque está zangado, porque estão debochando e xingando ele.” (Medo de Agressão). A criança claramente identifica-se com o gigante número 3 expressando a agressão como uma retaliação. Ao mesmo tempo, ela se identifica com a vítima na resposta à pergunta “Qual dos três te dá mais medo. Por quê?”. Neste caso, atribuímos esta resposta à última pergunta como Medo de Agressão, mas também anotamos o mecanismo de Identificação Projetiva.
<i>Regressão</i>	Na Regressão, o indivíduo busca o prazer ou assume um comportamento de fases mais precoces do desenvolvimento, sendo, portanto, encontrada, geralmente, em crianças mais velhas. É empregada diante da frustração, do perigo, da decepção ou da ação do superego. No TCF, a Regressão pode ser empregada frente a uma expressão explícita de agressão ou pensamentos sexuais e é, mais comumente, encontrada nas respostas aos cartões do Gigante.
<i>Deslocamento</i>	Este mecanismo de defesa é empregado quando o indivíduo redireciona um sentimento ou reação acerca de um objeto para outro, geralmente menos ameaçador. O Deslocamento aparece com maior frequência quando o conteúdo da resposta refere-se a conteúdos agressivos.
<i>Compensação</i>	O mecanismo da Compensação refere-se à tentativa inconsciente de buscar substitutos para perdas reais ou imaginárias, assim como para o sentimento de inferioridade.
<i>Agressão contra a própria pessoa</i>	A agressão contra o próprio <i>self</i> envolve a substituição e o deslocamento de um desejo agressivo de um objeto para o <i>self</i> .
<i>Identificação com o agressor</i>	Nesse mecanismo, o indivíduo adota o comportamento do agressor e/ou as suas características de forma a lidar com o medo e a ansiedade.
<i>Introjeção</i>	É o mecanismo de defesa pelo qual se internaliza a representação do

	objeto para diminuir a ansiedade de separação.
<i>Acting out</i>	Nessa defesa, o indivíduo age impulsivamente de modo a evitar a tensão que resultaria do retardamento de uma gratificação.

Procedimentos para a coleta e análise dos dados

O desenvolvimento desta pesquisa iniciou-se após a aprovação do projeto de adaptação do TCF para a realidade brasileira pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (Anexo A). Para a realização deste estudo sobre os mecanismos de defesa e para composição da amostra, foram realizados contatos com instituições escolares públicas e privadas de Porto Alegre que tivessem alunos com idades entre 6 e 11 anos. Previamente à administração dos instrumentos, foi encaminhada uma Carta aos Pais e/ou Responsáveis dos alunos (Anexo B), acompanhada da Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos (Anexo C) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo D) com o objetivo de explicar a natureza e relevância do trabalho desenvolvido, bem como obter (dos pais e/ou responsáveis) autorização para a participação da criança na pesquisa. De posse do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos, iniciou-se a administração dos instrumentos.

Os testes foram administrados de forma individual, em único encontro com duração de, aproximadamente, 50 minutos na própria instituição, durante o período escolar, não acarretando danos ao andamento normal das atividades curriculares. Primeiramente, era administrado o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven – Escala Especial e, logo após, o TCF. Ressalta-se que, antes de iniciar a aplicação do TCF, de acordo com a orientação dada pela autora do teste, é necessário verificar se a criança conhece os contos de fadas e os personagens que são abordados pelo teste. Ao apresentar cada série, deve-se enfatizar o personagem em questão e realizar um conjunto de perguntas para obter a opinião das crianças. Os dados obtidos na Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos foram analisados através de técnicas de estatística descritiva (frequências, médias, percentagens).

Todo o material verbalizado pelas crianças ao TCF foi primeiramente avaliado por três psicólogas clínicas, juízes (J1, J2 e J3), que, após a realização de um treinamento supervisionado pela autora do TCF, realizaram avaliações independentes, com base no sistema de categorização de respostas. A partir das avaliações dos juízes, foi utilizada a estatística Kappa, do programa STATA (2005), para avaliar o grau de concordância entre

os mesmos com relação aos tipos de mecanismo de defesa. As comparações foram assim delineadas:

J1-J2	J1-J3	J2-J3	J1-J2-J3
--------------	--------------	--------------	-----------------

Para avaliar os resultados, levou-se em conta que a medida de concordância (Kappa) pode adquirir valores escalares de 0 (zero) a 1 (um). Para medidas intermediárias, foi utilizada a interpretação seguida por Landis e Koch (1977):

Valor	Interpretação
abaixo de 0,0	Mau
0,00 – 0,20	Leve
0,21 – 0,40	Regular
0,41 – 0,60	Moderado
0,61 – 0,80	Substancial
0,81 – 1,00	Quase perfeito

Posteriormente, realizou-se o levantamento de frequências e percentagens dos tipos de mecanismos de defesa identificados nas respostas e nas sete séries de cartões do TCF. Por fim, para verificar a associação das variáveis (tipo de mecanismos de defesa X idade, sexo, tipo de escola) utilizou-se a estatística inferencial (Teste Exato de Fisher). Foi considerado o nível de 5% para a declaração de existência de significância estatística.

Apresentação dos Resultados

A amostra desta pesquisa foi constituída por 72 crianças, com idades entre 6 e 11 anos ($M = 8,5$; $DP = 1,72$), divididas igualmente em relação ao tipo de escola (36 frequentam escolas públicas e 36 escolas privadas), ao sexo (36 do sexo masculino e 36 do sexo feminino) e à idade (36 crianças de menor idade - 6 a 8 anos - e 36 de maior idade - 9 a 11 anos). Em relação à série frequentada pelos participantes do estudo, verificou-se que a maioria encontra-se entre a pré-escola e a 5ª série do Ensino Fundamental, havendo a seguinte distribuição entre elas: 11,1% na pré-escola, 13,9% na 1ª série, 23,6% na 2ª série, 13,9% na 3ª série, 16,7% na 4ª série, 20,8% na 5ª série. Este dado justifica-se pelo fato de que constituía critério de inclusão para este estudo, ter idade entre 06 e 11 anos, faixa etária que, normalmente, corresponde a alunos do Ensino Fundamental.

De acordo com as informações obtidas por meio da Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos, foram identificados os seguintes dados sobre o desempenho escolar

dos participantes: desempenho ótimo (65,3%), bom (27,8%) e regular (6,9%). Apenas dois dos participantes havia repetido alguma série. Em relação ao núcleo familiar dos participantes, observou-se que 57% dos participantes residem com os pais e com os irmãos, sendo que os outros 43% moram também com outros membros da família, como avós, tios e outros.

Para definição das classes econômicas dos participantes, utilizou-se o critério de Classificação Econômica Brasil, publicado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, disponível em www.abep.org/codigosguias/ABEP_CCEB.pdf). Nesse sistema de classificação, considera-se a posse de itens como televisão em cores, rádio, automóvel, banheiro, carro, dentre outros, atribuindo-se pontos conforme a quantidade de itens. O grau de instrução do chefe de família é também pontuado. A partir do somatório desses pontos, chega-se a uma classificação da classe econômica a qual pertence o indivíduo. Essa escala apresenta como valor mínimo o zero e, máximo o 46. Assim, a distribuição dos 72 participantes de Porto Alegre, no que diz respeito a esse quesito, pode ser observada na Tabela 4. No que diz respeito à renda familiar dos participantes, 55,6% possuem renda acima de 5 salários mínimos, 19,4% de 1 a 3 salários mínimos, 11,1% de 3 a 5 salários mínimos, 9,7% possuem renda de até 1 salário mínimo, e 4,2% não informaram.

Tabela 4. Distribuição em termos de frequência e porcentagem da classe econômica dos participantes (n = 72)

<i>Classe Econômica</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
A1	5	6,9
A2	18	25
B1	14	19,5
B2	12	16,7
C1	15	20,8
C2	5	6,9
D	3	4,2
Total	72	100

Quanto à presença de doenças físicas ou psicológicas, dos 72 participantes, 5 (6,9%), sofrem de doença respiratória (asma ou bronquite), dermatite ou refluxo, e 10 (13,9%) participantes fazem uso de medicamento, como anti-histamínico, utilizado para o tratamento de quadros alérgicos. Dentre os indivíduos que fizeram parte da amostra, apenas 2 (2,8%) apresentam transtorno psicológico (Enurese e Síndrome do Pânico), e 9 (12,5%) realizam algum tipo de tratamento psicológico.

O Teste de Concordância Kappa foi calculado com o intuito de ser identificada a concordância entre os avaliadores que categorizaram e classificaram as respostas de maneira independente. Os resultados da medida de concordância entre os juízes para cada tipo de mecanismo de defesa encontram-se na Tabela 5.

Tabela 5. Sumário do resultado da medida de concordância entre J1-J2, J1-J3, J2-J3 e J1-J2-J3, em todos os tipos de mecanismos de defesa, considerando todos os cartões (n=72).

Categorias	Avaliadores	Kappa
<i>Anulação</i>	J1-J2	0,88
	J1-J3	-0,08
	J2-J3	0,94
	J1-J2-J3	-0,06
<i>Negação</i>	J1-J2	0,88
	J1-J3	0,17
	J2-J3	0,93
	J1-J2-J3	0,06
<i>Projeção</i>	J1-J2	0,76
	J1-J3	0,76
	J2-J3	0,76
	J1-J2-J3	0,41
<i>Formação Reativa</i>	J1-J2	-0,23
	J1-J3	0,36
	J2-J3	0,70
	J1-J2-J3	0,30
<i>Repressão</i>	J1-J2	0,94
	J1-J3	0,81
	J2-J3	0,84
	J1-J2-J3	0,06
<i>Racionalização</i>	J1-J2	0,92
	J1-J3	0,92
	J2-J3	1
	J1-J2-J3	-0,026
<i>Regressão</i>	J1-J2	1
	J1-J3	1
	J2-J3	1
	J1-J2-J3	-
<i>Cisão</i>	J1-J2	1
	J1-J3	1
	J2-J3	1
	J1-J2-J3	-
<i>Identificação com o Agressor</i>	J1-J2	1
	J1-J3	1
	J2-J3	1
	J1-J2-J3	-

<i>Identificação Projetiva</i>	J1-J2	1
	J1-J3	1
	J2-J3	1
	J1-J2-J3	-
<i>Deslocamento</i>	J1-J2	1
	J1-J3	1
	J2-J3	1
	J1-J2-J3	-
<i>Compensação</i>	J1-J2	1
	J1-J3	1
	J2-J3	1
	J1-J2-J3	-
<i>Agressão contra a própria pessoa</i>	J1-J2	1
	J1-J3	1
	J2-J3	1
	J1-J2-J3	-
<i>Identificação com o agressor</i>	J1-J2	1
	J1-J3	1
	J2-J3	1
	J1-J2-J3	-
<i>Introjeção</i>	J1-J2	1
	J1-J3	1
	J2-J3	1
	J1-J2-J3	-
<i>Acting out</i>	J1-J2	1
	J1-J3	1
	J2-J3	1
	J1-J2-J3	-

Verificou-se a presença de, pelo menos, um tipo de mecanismo de defesa no protocolo de 81,9% dos participantes deste estudo e dois ou mais mecanismos no protocolo de 50%. As frequências relativas aos tipos de mecanismos defensivos, conforme tipo de escola, sexo e idade, são apresentadas na Tabela 6. Como se observa nesta tabela, os mecanismos de defesa de maior frequência foram: *Negação*, *Repressão* e *Anulação*. Já os mecanismos defensivos de menor frequência foram: *Compensação*, *Agressão contra a própria pessoa*, *Identificação com o Agressor*, *Introjeção* e *Acting out*.

Tabela 6. Frequências dos tipos de mecanismos de defesa conforme tipo de escola, sexo e idade (n = 72)

Mecanismos de defesa	Anulação	Negação	Projeção	Formação Reativa	Repressão	Racionalização	Regressão	Cisão	Identificação Projetiva	Deslocamento	Compensação	Agressão contra a própria pessoa	Identificação com o agressor	Introjeção	Acting Out
Grupo															
Geral	26	34	10	4	27	8	2	3	3	5	1	1	1	1	1
Menor Idade	13	16	7	2	13	2	2	1	2	3	0	0	1	0	0
Maior Idade	13	18	3	2	14	6	0	2	1	2	1	1	0	1	1
Escola Pública	10	12	6	0	6	1	2	2	1	2	0	1	0	0	1
Sexo Feminino	6	6	4	0	3	1	1	2	1	2	0	1	0	0	0
Sexo asculino	4	6	2	0	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Menor Idade	6	6	4	0	5	0	2	1	1	1	0	0	0	0	0
Maior Idade	4	6	2	0	1	1	0	1	0	1	0	1	0	0	1
Escola Particular	16	22	4	4	21	7	0	1	2	3	1	0	1	1	0
Sexo Feminino	7	11	1	2	11	4	0	1	2	1	0	0	1	1	0
Sexo Masculino	9	11	3	2	10	3	0	0	0	2	1	0	0	0	0
Menor Idade	7	10	3	2	8	2	0	0	1	2	0	0	1	0	0
Maior Idade	9	12	1	2	13	5	0	0	1	1	1	0	0	1	0

Verificou-se, através do Teste Exato de Fisher, que os mecanismos de defesa *Negação* ($p < 0,033$) e *Repressão* ($p < 0,001$) associaram-se de forma significativa com a Escola Particular como se observa na Tabela 7.

Tabela 7. Associação entre os tipos de mecanismos de defesa e a variável tipo de escola (n = 72).

Variável Mecanismo	Escola Pública	Escola Particular	<i>p</i>
Anulação	10	16	0,22
Negação	12	22	0,033*
Projeção	6	4	0,735
Formação Reativa	0	4	0,115
Repressão	6	21	0,001*
Racionalização	1	7	0,055
Regressão	2	0	0,493
Cisão	2	1	1
Identificação Projetiva	1	2	1
Deslocamento	2	3	1
Compensação	0	1	1
Agressão contra a própria pessoa	1	0	1
Identificação com o agressor	0	1	1
Introjeção	0	1	1
<i>Acting Out</i>	1	0	1

* $p < 0,05$ associação significativa

Ainda, através do Teste Exato de Fisher, constatou-se que não houve associação significativa entre os tipos de mecanismos de defesa e o sexo dos participantes (ver Tabela 8), tampouco entre os tipos de mecanismos de defesa e os grupos de menor e maior idade (ver Tabela 9).

Tabela 8. Associação entre os tipos de mecanismos de defesa e a variável sexo (n = 72).

Variável Mecanismo	Sexo Feminino	Sexo Masculino	p
Anulação	13	13	1
Negação	17	17	1
Projeção	5	5	1
Formação Reativa	2	2	1
Repressão	14	13	1
Racionalização	5	3	0,71
Regressão	1	1	1
Cisão	3	0	0,239
Identificação Projetiva	3	0	0,239
Deslocamento	3	2	1
Compensação	0	1	1
Agressão contra a própria pessoa	1	0	1
Identificação com o agressor	1	0	1
Introjeção	1	0	1
<i>Acting Out</i>	0	1	1

*p < 0,05 associação significativa

Tabela 9. Associação entre os tipos de mecanismos de defesa e a variável idade
(n = 72)

Variável Mecanismo	Menor Idade	Maior Idade	<i>p</i>
Anulação	13	13	1
Negação	16	18	0,814
Projeção	7	3	0,307
Formação Reativa	2	2	1
Repressão	13	14	1
Racionalização	2	6	0,26
Regressão	2	0	0,493
Cisão	1	2	1
Identificação Projetiva	2	1	1
Deslocamento	3	2	1
Compensação	0	1	1
Agressão contra a própria pessoa	0	1	1
Identificação com o agressor	1	0	1
Introjeção	0	1	1
<i>Acting Out</i>	0	1	1

**p* < 0,05 associação significativa

Na Tabela 10, encontram-se descritas as frequências dos tipos de mecanismos de defesa em cada uma das sete séries de cartões (Chapeuzinho Vermelho, Lobos, Anões, Bruxas, Gigantes, Cenas do Conto da Chapeuzinho Vermelho e Cenas do Conto da Branca de Neve). De acordo com as frequências da Tabela 10, pode-se verificar que os mecanismos de defesa *Negação*, *Repressão* e *Anulação* fizeram-se presentes em todas as séries de cartões. O mecanismo de defesa *Negação*, presente nas respostas de 34 crianças, obteve maior frequência nos cartões do Lobo ($f=19$) e do Gigante ($f=19$). O mecanismo defensivo *Repressão*, presente nas respostas de 27 crianças, apareceu com maior frequência nos cartões da Chapeuzinho Vermelho ($f=7$), Anões ($f=7$) e Gigante ($f=7$). O mecanismo de defesa *Anulação*, presente no protocolo de 26 crianças, obteve maior frequência nos cartões do Gigante ($f=12$).

Tabela 10. Sumário de Frequências dos tipos de mecanismos de defesa em todas as sete séries de cartões do TCF

Mecanismos de Defesa	Anulação	Negação	Projeção	Formação Reativa	Repressão	Racionalização	Regressão	Cisão	Identificação Projetiva	Deslocamento	Compensação	Agressão contra a própria.pessoa	Identificação com o agressor	Introjeção	<i>Acting Out</i>
Série de cartões															
Chapeuzinho Vermelho	5	14	-	-	7	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lobo	5	19	5	2	5	3	-	-	1	-	-	-	1	1	-
Anão	5	16	-	-	7	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-
Bruxa	3	11	4	-	3	1	-	-	1	3	-	-	-	-	-
Gigante	12	19	3	2	7	7	-	1	1	2	1	-	-	-	1
Cenas CV	2	1	-	-	3	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-
Cenas BN	1	1	1	-	6	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-
Total	33	81	13	4	38	13	2	3	3	5	1	1	1	1	1

Discussão dos Resultados

O Teste dos Contos de Fadas (TCF) encontra-se em processo de adaptação para a realidade brasileira, através da pesquisa “Adaptação Brasileira do Teste dos Contos de Fadas”. Esse estudo está sendo desenvolvido em quatro capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro) com uma amostra que será composta por 800 sujeitos. Com base na referida pesquisa de adaptação, desenvolveu-se o presente estudo sobre os mecanismos de defesa, com o intuito de contribuir para o processo de adaptação do TCF no Brasil. Neste estudo com 72 crianças, o Teste de Concordância Kappa foi utilizado para identificar o grau de concordância entre os juízes referente aos tipos de mecanismos de defesa. Considerando-se que a medida de concordância pode variar entre 0 e 1, sendo que 0 (zero) representa uma concordância ruim, ou mesmo a ausência de concordância, e 1 (um) uma concordância perfeita, os resultados obtidos indicam uma concordância moderada entre os juízes (J1-J2-J3) para o mecanismo de defesa *Projeção* e regular para o mecanismo de defesa *Formação Reativa*. Para os mecanismos *Negação* e *Repressão*, a concordância entre os juízes (J1-J2-J3) foi leve, e o mecanismo de *Anulação* obteve um grau de concordância ruim. Nos demais mecanismos não foi possível calcular o Kappa, sendo pertinente ampliar a amostra para, efetivamente, verificar a concordância ou não entre os juízes para essas variáveis.

O TCF foi desenvolvido com o objetivo de se ter à disposição um instrumento projetivo temático capaz de avaliar um amplo espectro de dimensões da personalidade infantil. O referido teste baseia-se no pressuposto de que os contos de fadas favorecem a projeção de processos inconscientes, possibilitando a identificação e o acesso à dinâmica intrapsíquica infantil. Nesse instrumento, os mecanismos de defesa integram a avaliação da dinâmica da personalidade infantil (Coulacoglou, 1995, 2002a, 2002b, 2008).

O teste permite não só detectar a presença de determinado mecanismo defensivo, mas também identificar frente a quais conflitos são utilizados, evidenciando-se, assim, aspectos relativos à dinâmica da personalidade e, principalmente aspectos do ego – agente da defesa. Além disso, o repertório defensivo utilizado, assim como a estereotipia no uso de defesas, podem dar indícios do funcionamento do ego e de sua integridade. Nas respostas ao TCF, a integridade egóica, conforme Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008), também é avaliada através da adaptação ao conteúdo dos contos de fadas, da quantidade de respostas bizarras, das repetições, da resolução dada ao conflito eliciado nos cartões, da natureza das ansiedades e do controle de impulsos. Dessa maneira, possibilita observar se a

defesa é empregada, por exemplo, diante da intensificação de conteúdos relativos à agressão ou à sexualidade, o que é freqüente em crianças na latência, ou, ainda, se o uso da defesa se vincula a respostas bizarras, podendo denotar fragilidades do ego. Assim, evidencia-se que o TCF é um instrumento apto a constatar a presença e o uso de mecanismos de defesa na latência. Considera-se relevante o estudo dos mecanismos de defesa na latência, tendo em vista ser nessa etapa da vida que os recursos de ego solidificam-se, sendo que a qualidade desses recursos acarreta condições de fortalecimento psíquico.

O período de latência é entendido por Urribarri (1999) como uma fase de inegável importância para o desenvolvimento humano, tendo em vista a possibilidade de enriquecimento do aparelho psíquico através da aquisição de recursos egóicos. Blos (2003), assim como Urribarri (1999), acredita que uma das principais contribuições do período de latência é a complexização do psiquismo, a qual auxilia no enfrentamento das demandas da puberdade e da adolescência. O processo de complexização do ego, na latência, decorre, principalmente, do refinamento de seus mecanismos de defesa, da capacidade de sublimar, do desenvolvimento do pensamento, da verbalização e da postergação da satisfação pulsional. Esses recursos, ao se edificarem de maneira consistente, assumem relevante papel no desenvolvimento da vida social e da aprendizagem da criança.

As defesas psíquicas, longe de acarretarem empobrecimento egóico, possibilitam, nessa etapa do desenvolvimento, manter o equilíbrio intersistêmico, evitando a irrupção da angústia. As defesas constituem-se, portanto, num recurso amplamente utilizado na latência. Nesse sentido, ao se analisar a presença de mecanismos de defesa nos protocolos do TCF das crianças participantes desta pesquisa, identificou-se que 81,9% das crianças utilizaram pelo menos um tipo de mecanismo de defesa, e 50% utilizaram dois ou mais tipos de mecanismos.

Na latência, observa-se não só uma maior utilização de defesas, mas, também, o desenvolvimento de recursos de defesas mais elaborados. Assim, a solidificação da instância egóica é evidenciada, nesse período, pelo uso de defesas mais complexas, como, por exemplo, a repressão, e a diminuição do uso de defesas típicas de fases primitivas do desenvolvimento, como a cisão e a identificação projetiva. Como se verifica na Tabela 6, os mecanismos de defesa utilizados com maior freqüência pelas crianças participantes deste estudo, em resposta ao TCF, foram: *Negação, Anulação e Repressão*.

A consolidação do ego e a ampliação do repertório defensivo contribuem para o investimento do latente no processo de aprendizagem. Processo esse de inegável importância, visto que, na latência, geralmente, verifica-se o ingresso nas atividades escolares formais. As crianças que constituem a amostra desta pesquisa têm idades entre 6 e 11 anos e freqüentam entre a pré-escola e a 5ª série do Ensino Fundamental. Em sua maioria, os participantes desta pesquisa apresentaram desempenho escolar ótimo, tendo sido registrados poucos casos de repetição de ano escolar. Diante disso, observa-se a consolidação da capacidade sublimatória, a qual possibilita o investimento nas atividades relativas ao aprendizado, uma vez que a energia sexual pode ser desviada para esse fim.

O desenvolvimento do pensamento simbólico é, de acordo com Ferreira & Araújo (2001), uma aquisição desta etapa do desenvolvimento psicosssexual que favorece o uso do mecanismo de racionalização, ampliando o repertório de defesas do ego. Já, através de defesas como a anulação, as demandas sexuais e agressivas podem ser mantidas à distância da consciência, conforme descreveu Blos (1998). O uso dessas defesas está de acordo com as características de organização e de ordenamento, típicas de crianças em idade escolar. Além disso, as defesas psíquicas, entendidas como recursos adquiridos pelo ego, possibilitam a manutenção da integridade dessa instância psíquica quando diante de situações de conflito e de angústia, favorecendo que o processo de aprendizado não seja inibido.

Verificou-se, de acordo com os dados das Tabelas 8 e 9, não haver associação significativa entre os mecanismos de defesa e as variáveis sexo e idade. Já, entre os mecanismos de defesa e o tipo de escola, identificou-se haver associação entre a Escola Particular o mecanismos de defesa *Negação* e *Repressão* como evidencia a Tabela 7. O mecanismo de defesa *Negação* fez-se presente nos protocolos de 34 crianças, sendo que desses, 22 referem-se a crianças de escola particular e 12 de escola pública. A *Repressão*, presente no protocolo de 27 crianças, apareceu no protocolo de 21 crianças de escola particular e no de 6 crianças de escola pública.

Na amostra em estudo, a *Negação* esteve presente no protocolo de 34 crianças, sendo a defesa mais freqüente. Esse mecanismo de defesa apareceu 81 vezes, visto que cada criança, em um mesmo protocolo, pode ter mais de um registro dessa defesa. Além disso, destaca-se que esse mecanismo fez-se presente em todas as séries de cartões do TCF e sua maior freqüência foi nos cartões do Lobo ($f=19$) e do Gigante ($f=19$), conforme se verifica na Tabela 10. A *Negação*, conforme categorização realizada por Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008), refere-se à necessidade de negar tanto as ameaças da realidade

externa quanto às internas, que provêm dos impulsos agressivos do próprio sujeito. Em pesquisa transcultural sobre os mecanismos de defesa, Coulacoglou (2008) constatou que a *Negação* foi a segunda defesa mais utilizada por crianças na Grécia e na Turquia. Na Grécia, foi empregada mais comumente contra a agressão, e na Turquia, contra o medo, a insegurança e a agressão.

Nos contos de fadas, a agressividade é personificada, comumente, nos personagens do lobo e do gigante, segundo refere Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008). O lobo, conforme destaca a autora, é apresentado como o vilão que combina terror e destruição, assim como se caracteriza por um apetite insaciável, sendo que seu instinto de fome determinaria seu comportamento. O gigante é identificado, nas diversas versões da história “João e o Pé de Feijão”, como sendo um personagem que se destaca pelo comportamento hostil e pelo apetite insaciável, independente da sensação de fome.

No TCF, de acordo com Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008), os cartões do Lobo eliciam e possibilitam a projeção do conflito entre o controle e a liberação de seus próprios desejos, como, por exemplo, “devorar ou não Chapeuzinho Vermelho”. Esse conflito está vinculado com outro, o qual se refere à expressão da agressão frente ao superego. Nesse sentido, diante da manifestação da agressividade do personagem se tem a possibilidade de identificar a resolução que a criança dá para esse conflito. Assim, diante da condenação do superego pela ação agressiva, comumente, aparece a tentativa de negar ou de anular o feito pelo temor a retaliação (“se ele comer a Chapeuzinho Vermelho, o caçador vai punir/matá-lo”) ou por culpa, já que o personagem alvo da agressão, geralmente tem características positivas.

Os cartões do Gigante no TCF em geral explicitam temas e conflitos que envolvem a agressividade, a auto-estima, a preocupação sexual. Outra temática presente tanto nos cartões do Gigante quanto nos do Lobo refere-se, conforme identificou Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008) nas respostas ao TCF, às Necessidades Orais, as quais aparecem, muito freqüentemente, na busca por comida. As Necessidades Orais são justificadas pela sensação de fome, embora se saiba que esses personagens podem buscar o alimento não somente para saciar a fome, mas também por suas características agressivas. Assim, um possível ataque oral pode ser negado através na minimização da ação do personagem que, ao invés de devorar, irá comer, porque está com fome. Assim, as defesas manifestam-se diante da possibilidade de gratificação da pulsão sádico-oral – considerada inaceitável pelo ego por evidenciar uma modalidade de satisfação da libido pré-genital e que é, portanto, proibida pelo superego.

Ao se levar em consideração os conflitos eliciados pelos cartões do Lobo e do Gigante, pode-se identificar uma tendência ao uso do mecanismo de *Negação* diante da manifestação de impulsos agressivos e de modalidades de satisfação pulsional que são consideradas proibidas por crianças na latência. Nesse período do desenvolvimento, o superego já está internalizado, indicando aquilo que é conflitivo para o ego, de acordo com as exigências sociais. O ego, para evitar o desprazer que a satisfação de determinada pulsão acarretaria, coloca em ação os recursos defensivos que dispõe.

No TCF, o latente precisa utilizar o recurso de negar a existência de impulsos agressivos dos personagens, com o intuito de manterem afastados da consciência seus próprios impulsos destrutivos. Dessa forma, a agressividade dos personagens pode ser minimizada, uma característica assustadora pode ser revertida em qualidades positivas, assim como situações de perigo podem ser negadas. Sem dúvida, se o uso da *Negação* se intensificar, perderá o estatuto de recurso egóico; porém, é necessário destacar que nas situações de angústia intensa, o uso da *Negação* pode ser uma das defesas que possibilita a sobrevivência do ego. Como se sabe, na latência, certos impulsos, como os agressivos e aqueles referentes a modalidades de satisfação da pré-genitalidade, precisam manter-se inconscientes sob o risco de levarem à inibição do desenvolvimento. Assim, a *Negação* assume a qualidade de um recurso de ego utilizado no intuito de ter preservada a sua integridade.

O mecanismo de *Repressão* foi a segunda defesa que apresentou maior frequência entre as crianças participantes deste estudo, fazendo-se presente em 27 protocolos como se verifica na Tabela 6. A *Repressão*, como define Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008), consiste em um esquecimento “proposital” ou falha em reconhecer desejos ou pensamentos perturbadores ou proibidos. Segundo a autora, no TCF, quando a criança responde às perguntas de um cartão com “Eu não sei” ou “Eu não me lembro” ou produz uma resposta vaga e genérica pode ser indicativo da presença do mecanismo de *Repressão*. A autora, ainda, considera importante verificar se a resposta dada ao cartão anterior (ao que aparece a *Repressão*) reflete forte emoção, o que evidenciaria a necessidade de utilização da defesa. Nesta pesquisa, a *Repressão* foi utilizada em todas as sete séries de cartões do TCF, sendo mais freqüente nos cartões Chapeuzinho Vermelho ($f=7$), Anão ($f=7$) e Gigante ($f=7$) como se verifica na Tabela 10 .

A interpretação psicanalítica mais freqüente da personagem Chapeuzinho Vermelho enfatiza, de acordo com Corso & Corso (2006), a sexualidade e as fantasias edipianas. Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008) acrescenta que os temas referentes à ansiedade de

separação e aos medos arcaicos, os quais são expressos através do possível encontro com o lobo, também fazem parte do conteúdo simbólico do conto. No TCF, a série de cartões da Chapeuzinho Vermelho possibilita a projeção da ansiedade de separação, da sexualidade, das formas de lidar com o perigo e da auto-imagem. Também é possível se observar nestes cartões, a modalidade de expressão que a criança dará para o conflito que se estabelece entre a autonomia e a obediência à autoridade. Os cartões do Anão, assim como os da Chapeuzinho Vermelho, possibilitam a projeção do medo e da insegurança diante de possíveis perigos, assim como das formas utilizadas para lidar com eles. Além dessas temáticas, os cartões do Anão são capazes de eliciar aspectos relativos às necessidades afetivas e à auto-imagem. E os cartões do Gigante, conforme já mencionado, estão permeados por conteúdos de agressividade.

A partir da análise das temáticas presentes nas séries de cartões da Chapeuzinho Vermelho e do Anão, pode-se entender que a *Repressão* é um recurso possível de ser utilizado diante de situações de medo frente a um perigo iminente, o qual produziria ansiedade. Já o tema da auto-imagem aparece tanto nos cartões da Chapeuzinho Vermelho quanto nos do Anão. Na série da Chapeuzinho Vermelho, como destaca Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008), os aspectos mais comumente destacados em relação à auto-imagem são a preocupação com suas vestimentas e com sua aparência dentro de uma conotação sexual, principalmente, em um dos cartões do TCF que evidencia essa característica. A personagem Chapeuzinho Vermelho, por ser uma menina, sem idade bem delimitada e que vive uma aventura, pode ser uma figura de identificação para as crianças, principalmente para as meninas. Nesse sentido, os conteúdos de cunho sexual e os relativos à auto-imagem, atribuídos à personagem pela criança, podem estar próximos de serem identificados como seus. Diante da iminência da irrupção dessa identificação, o latente reprime esses conteúdos; movimento psíquico que, no TCF, se visualiza através de respostas vagas ou quando a criança diz que “não sabe”, logo após o aparecimento de uma resposta com elementos conflitivos. Na latência, de fato, se verifica uma forte manifestação do processo de *Repressão* diante de conteúdos de cunho sexual.

Os Anões, os quais se associam à imagem de duendes, apresentam baixa estatura e aspecto feio e, assim, favorecem, no TCF, a projeção de aspectos negativos da auto-imagem de acordo com Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008). Destaca-se que a auto-imagem é um importante componente da auto-estima. No período de latência, de acordo com Urribarri (1999), ocorre um movimento em direção aos relacionamentos extra-familiares. Os objetos exogâmicos, e não apenas os pais, passam a ser investidos de forma

que a auto-estima do latente associa-se ao grau de aprovação que tem no grupo de iguais. Assim, o valor atribuído a si próprio não depende mais, exclusivamente, dos objetos primários de amor. Dessa forma, no TCF, quando conteúdos relativos a vulnerabilidades narcisistas são encontrados nas respostas a um cartão e no seguinte fazem-se presentes respostas vagas, genéricas ou bloqueio em verbalizar, tem-se um indicativo de que a primeira resposta contém aspectos conflitivos e que, então, a *Repressão* entrou em ação, segundo destaca Coulacoglou (1995, 2002a, 2002b, 2008). Assim, o objetivo do mecanismo de *Repressão* parece ser o de evitar a apropriação de conteúdos conflitivos por parte da consciência.

O mecanismo de defesa *Anulação* fez-se presente em 26 protocolos do TCF, sendo o terceiro mais freqüente dentre as crianças que participaram deste estudo, conforme se identifica na Tabela 6. Esse mecanismo aparece em todas as sete séries de cartões e foi utilizado, mais freqüentemente, na série de cartões do Gigante ($f=12$) do que em outras séries de cartões segundo se observa na Tabela 10.

No TCF, a ação agressiva do Gigante em relação a outro personagem pode exprimir os ataques do ego da criança em direção ao objeto. Então, na tentativa de livrar-se da culpa por ter atacado o objeto, o ego busca reparar o dano que fantasia ter-lhe causado por meio da *Anulação* da agressão. De fato, a utilização da *Anulação* não é considerada uma reparação genuína, pois, ao invés de responsabilizar-se pelo ataque e buscar outros meios de minorar os estragos, o ego desfaz a ação agressiva. A reversão dos danos pode ser buscada por meio da tentativa de tornar o objeto belo e perfeito conforme descreveu Klein (1935/1996). Nos cartões do Gigante, isso pode ser identificado por meio de respostas nas quais, em um cartão o gigante é voraz e ataca e, no seguinte, o gigante passa a ser bom, querendo ficar amigo de João, por exemplo. Embora a *Anulação* não seja considerada uma forma verdadeira de reparação, pode ser compreendida como uma maneira incipiente de reparar o dano causado ao objeto. Trata-se de uma percepção por parte do sujeito de que ao atacar o objeto pode danificá-lo tanto em relação a seus aspectos bons quanto maus. Assim, fica evidenciada, via *Anulação*, a capacidade de integração do objeto por parte do sujeito, sendo essa capacidade identificada como um dos elementos cruciais para a saúde do ego.

Pode-se considerar, a partir dos dados encontrados nesta pesquisa, que, na população estudada, a defesa, geralmente, incide sobre a manifestação da agressividade, da sexualidade, mas, também, sobre aspectos relativos à auto-imagem, conteúdos de extremo potencial conflitivo para crianças no período de latência. As defesas que apareceram com

maior frequência – *Negação*, *Repressão* e *Anulação* – são aquelas, geralmente, empregadas por latentes para lidar com temas e conflitos próprios desta etapa do ciclo vital.

Além disso, considera-se que a baixa frequência de defesas, consideradas primitivas, como a *Cisão*, a *Identificação Projetiva*, o *Acting out* corrobora a constatação de que as crianças participantes desse estudo utilizam defesas mais complexas, as quais podem ser entendidas como importantes aquisições da latência.

Considerações Finais

A identificação do repertório defensivo de crianças na latência é um importante elemento para avaliar a saúde da estrutura egóica. Portanto, um instrumento projetivo que contemple a possibilidade de avaliação dos mecanismos de defesa constitui-se numa ferramenta clínica de inegável valor para aqueles profissionais que têm como foco ações de prevenção e de intervenção na infância. O TCF, além de permitir a identificação das defesas psíquicas empregadas pela criança, possibilita uma ampla compreensão da dinâmica da personalidade infantil. A utilização de um teste que se baseia nos contos de fadas torna a aplicação mais lúdica para a criança, facilitando a projeção de conteúdos intrapsíquicos. A forma de aplicação do TCF foi elaborada a fim de permitir à criança usar recursos que viabilizam um equilíbrio entre uma situação de distanciamento para falar de seus conflitos, mas, também, de favorecimento à identificação com as situações contempladas nos cartões. Ao responder questões relativas às cenas de personagens do mundo dos contos, a criança, também, desvela seus singulares anseios, temores e desejos infantis.

A preocupação em adaptar este instrumento para a realidade brasileira, levando em conta os aspectos próprios de uma cultura, reforça a relevância que têm, no processo de estruturação do psiquismo, os efeitos da internalização de valores, padrões morais e culturais. Nesse sentido, a latência, como etapa de transição da infância para a adolescência, para ser efetivamente estudada e compreendida, deve contemplar estas especificidades.

Este estudo, ao inserir-se no Projeto de Adaptação do TCF para a realidade brasileira, constituiu-se em uma tentativa de explorar uma das variáveis contempladas pelo instrumento. Dessa forma ao investigar o uso e a identificação dos mecanismos defensivos, esta pesquisa aborda um importante recurso psíquico exigido no desenvolvimento humano.

Acredita-se, portanto, que algumas contribuições oriundas deste estudo serão agregadas ao processo de adaptação desse instrumento no Brasil. Identifica-se ser uma relevante contribuição do estudo apresentado nesta seção o fornecimento de subsídios para aplicação e levantamento, tanto qualitativo quanto quantitativo, do TCF. Em relação ao levantamento dos tipos de mecanismos de defesa destaca-se, conforme evidenciado na discussão dos resultados, a importância de considerar os temas e conflitos que são eliciados pelos cartões desse instrumento. Ressalta-se, ainda, a importância de que seja realizada, na interpretação dos resultados do TCF, uma integração das variáveis quantitativas com as qualitativas, uma vez que esse instrumento possibilita o acesso a diversas dimensões da personalidade. Realmente, o TCF aponta evidências de ser uma técnica rica para avaliação infantil, entretanto, constata-se que uma limitação deste estudo diz respeito ao cálculo de concordância (Kappa) entre juízes que pode ser compreendida, não pelo desconhecimento do sistema de categorização por parte dos juízes, mas, sim, pelo número restrito de participantes que compõem a amostra. Por fim, evidencia-se que estudos delineados como este, porém tendo como foco as demais variáveis do TCF, poderão contribuir para afirmá-lo como técnica projetiva eficaz para avaliação da personalidade infantil.

Referências Bibliográficas

- Angelini, L., Alves, I.C.B., Custódio, E.M., Duarte, W.F., & Duarte, J.L.M. (1999). *Manual de Matrizes Progressivas Coloridas de Raven: Escala Especial*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Blaya, C., Kipper, L., Blaya Perez Filho, J., & Manfro, G.G. (2003). Mecanismos de Defesa: uso do Defensive Style Questionnaire. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 5(1), 67-80.
- Blaya, C., Dornelles, M., Blaya, R., Kipper, L., Heldt, E., Isolan, L., Bond, M., & Manfro, G.G. (2006). Do defense mechanisms vary according to the psychiatric disorder? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(3), 179-183.
- Blaya, C., Dornelles, M., Blaya, R., Heldt, E., Kipper, L., Bond, M., & Manfro, G.G. (2007). Brazilian-Portuguese version of the Defensive Style Questionnaire (DSQ-40) for the assessment of defense mechanisms: construct validity study. *Psychotherapy Research*, 17(3), 261-272.
- Blos, P. (1998). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Blos, P. (2003). De la Latencia a la Adolescencia. In Blos, P. *Los comienzos de la adolescencia*. (p. 29-41). Buenos Aires: Amorrortu editores.
- Bond, M., Gardner, S.T., Cristian, L., & Sigal, J.J. (1983). Empirical study of self-rated defense styles. *Arch Gen Psychiatry*, 40, 333-338.
- Bond, M., Andrews, G., & Singh, B. (1993). The Defense Style Questionnaire. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 181 (4), 246-256.
- Bond, M. (2004) Empirical Studies of defense styles: relationship with psychopathology and change. *Harv Rev Psychiatry*. 12(4), 263-278.
- Bond, M., & Perry, J.C. (2004). Long-term changes in defense styles with psychodynamic psychotherapy for depressive, anxiety and personality disorders. *Am J Psychiatry*, 161(9), 1665-1671.
- Conselho Federal de Psicologia. (2003). *Resolução 02/2003*. [On-line]. Disponível: http://www.pol.org.br/legislacao/doc/resolucao2003_2.doc. Acessado em: 02 mai 2007.
- Corso, D., & Corso, M. (2006). *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed.
- Coulacoglou, C. (1995). *Teste de los Cuentos de Hadas*. Madrid: TEA Ediciones.
- Coulacoglou, C. (2002a). Construct Validation of the Fairy Tale-Test-Standardization data. *International Journal of Testing*. 2 (3, 4) 217-242.

- Coulacoglou, C. (2002b). *Psychometrics & Psychological Assessment*. 2 nd. Edition. Athens: Paparazisis.
- Coulacoglou, C. (2008). *Exploring the Child's Personality: developmental, clinical and cross-cultural applications of the Fairy Tale Test*. Springfield: Thomas Books.
- Dockhorn, C.N.B., & Macedo, M.M.K. (2008). A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. *Revista Argumento e Psicologia*, 26 (54), 217-224.
- Figueiredo, L. C., & Cintra, E. M. U. (2004). *Melanie Klein. Estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta.
- Freud, A. (1971). *O Tratamento Psicanalítico de Crianças*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1926).
- Freud, A. (1987). *Infância Normal e Patológica: determinantes do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Guanabara (Obra original publicada em 1965).
- Freud, A. (2006). *O Ego e os Mecanismos de Defesa*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1936).
- Freud, S. (1976). O Ego e o Id. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp.13-86). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (1976). Inibição, Sintoma e Angústia. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp.107-210). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1926[1925]).
- Freud, S. (1989). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp.118-217). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (1990). Carta 52. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp.324-331). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1950 [1896]).
- Freud, S. (1990). Projeto para uma Psicologia Científica. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp.381-511). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1950[1895]).
- Freud, S. (1994). As Neuropsicoses de Defesa. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 51-72). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1894).

- Freud, S. (2004). Pulsões e Destinos da Pulsão. In Hanns, L. A. (Coordenador geral da tradução), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Vol. 1, (pp. 133-173). Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1915).
- Kernberg, O.F. (1989). A Conceituação das estruturas psíquicas: uma visão geral. In Kernberg, O.F. *Mundo Interior e Realidade Exterior*. (pp. 15-28) Rio de Janeiro: Imago.
- Kernberg, O.F., Selzer, M.A., Koenigsberg, H.W., Carr, A.C., & Appelbaum, A.H. (1991). Patologia *Borderline* e Alternativas Psicoterápicas. In Kernberg, O.F., Selzer, M.A., Koenigsberg, H.W., Carr, A.C., & Appelbaum, A.H. *Psicoterapia Psicodinâmica de Pacientes Borderline*. (pp.13-17). Porto Alegre, Artmed.
- Klein, M. (1975). *Psicanálise de Crianças*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1932).
- Klein, M. (1982). Notas sobre alguns Mecanismos Esquizóides. In Klein, M.; Heimann, P.; Isaacs, S., & Riviere, J. *Os Progressos da Psicanálise*. (pp. 313-343) 3 ed. Rio de Janeiro: LTC (Obra original publicada em 1946).
- Klein, M. (1996). Uma Contribuição à Psicogênese dos Estados Maníaco-depressivos. In Klein, M. Amor, Culpa e Reparação – *Obras Completas de Melanie Klein* (Vol. 1, pp.301-329). Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1935).
- Landis, J.R., & Koch, G.G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, 33, 159-174.
- Macedo, M.M.K., & Werlang, B.S.G. (2008). O teste dos contos de fadas. In Villemor-Amaral, A.E., & Werlang, B.S.G. *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica*. (Org.). (pp. 183-192). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Stata Corporation (2005). *Stata base reference manual: release 9*. College: Stata Press.
- Urribarri, R. (1999). Descorriendo el Velo sobre el Trabajo de Latencia. *Revista Latino-Americana de Psicoanálisis*. 3 (1), 257-291.
- Vaillant, G.E. (1971). Theoretical hierarchy of adaptive ego mechanisms: a 30-year follow-up of 30 men selected for psychological health. *Arch Gen Psychiat*, 24, 107-118.
- Vaillant, G.E., Bond, M., & Vaillant, C.O. (1986). An empirically validated hierarchy of defense mechanisms. *Arch Gen Psychiat*, 43, 766-794.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Nos estudos sobre a infância, o período de latência foi algumas vezes referido como sendo um momento de calma e diminuição da tensão intrapsíquica decorrente da intensa ação do recalque sobre os conteúdos edípicos. De fato, identifica-se que com a ampliação do repertório defensivo pode-se fazer notar, nos latentes, um estado de calma, predominando um bom comportamento, docilidade e educabilidade. Porém, também se observa, nesse período, que a progressiva elaboração da conflitiva edípica implica um intenso trabalho psíquico, exigindo do latente recursos que possibilitem um dinâmico e singular movimento de reorganização intersistêmica. Observa-se, portanto, que frente à ação do superego, o ego busca novas formas de canalização e de satisfação dos impulsos. Assim, nesse processo de complexização do ego, as defesas são importantes aquisições psíquicas que não apenas inibem a satisfação pulsional imediata, mas, também buscam a manutenção do equilíbrio intersistêmico. Assim, torna-se imperativo manter os conteúdos conflitivos afastados do pólo consciente. Em decorrência disso, desenvolvem-se e solidificam-se o pensamento e a capacidade simbólica, elementos de inegável importância para a saúde psíquica.

Pode-se depreender disso que o período de latência, antes de constituir-se, apenas, num estado de calma, fruto da diminuição da tensão interna, constitui-se, principalmente, num momento de reordenamento intrapsíquico de fundamental importância para o desenvolvimento humano, posto que a instrumentalização do ego e a aquisição de defesas podem levar a níveis, cada vez mais elevados de complexização psíquica. Nesse contexto, as defesas psíquicas são entendidas como recursos de ego disponíveis para se lidar com situações de conflito e angústia.

A latência demarca-se, então, como um momento de enriquecimento psíquico decorrente de diversas aquisições. As aquisições da latência referem-se aos ganhos egóicos decorrentes do desenvolvimento de elevadas funções, da solidificação das defesas, da capacidade de sublimar e da forma de lidar com os impulsos. Também a elaboração processual da vivência edípica, que ocorre durante o período de latência, constitui-se num grande avanço, em termos psíquicos, pois abre a possibilidade de identificações e de novos investimentos objetivos por parte do ego.

A ampliação do entendimento do papel das defesas psíquicas no período de latência envolve compreendê-las como recursos que possibilitam e preparam a criança para adentrar no território da puberdade e da adolescência. A puberdade é potencialmente

traumática, visto que impõe mudanças físicas não planejadas que não podem ser controladas. Nesse sentido, as aquisições da latência equipam o aparelho psíquico para a entrada nessa nova etapa do ciclo vital. A importância da consolidação de recursos defensivos far-se-á notar mediante os destinos dados aos estados de turbulência emocional e de intensa angústia, típicos da adolescência.

Nessa direção, o uso de defesas pode dar indicativos da existência de conflito psíquico e das condições que o ego possui para lidar com ele. Assim, na avaliação psicológica de crianças é preciso identificar tanto a qualidade do recurso defensivo quanto a intensidade com a qual é utilizado. Portanto, é fundamental ter-se à disposição um instrumento de avaliação psicológica apto a identificar aspectos da dinâmica da personalidade, do ego e do uso de defesas. Dessa forma, destaca-se a possibilidade de ser o TCF um instrumento que possibilita a realização de uma avaliação consistente da personalidade infantil através da interpretação quantitativa e qualitativa das respostas dadas ao teste. Através das temáticas e dos conflitos eliciados pelo TCF, certamente, tem-se a possibilidade de visualizar a dinâmica do psiquismo infantil, principalmente, no que diz respeito à identificação dos recursos psíquicos que a criança dispõe para lidar com situações de conflito e angústia. Nesse sentido, contar com um instrumento projetivo que contribui na identificação de aspectos indicativos de saúde psíquica possibilita ações não apenas terapêuticas, mas também de prevenção na infância.

Por fim, esta dissertação buscou contribuir com o entendimento teórico da relação entre mecanismos de defesa e período de latência, assim como integrou o processo de adaptação do TCF para a realidade brasileira. A seção empírica possibilitou a identificação dos mecanismos de defesa mais frequentes em uma amostra de crianças da cidade de Porto Alegre. Além disso, também, permitiu evidenciar aspectos referentes à relação entre temáticas propostas pelas séries de cartões e a utilização de recursos defensivos. Esses primeiros resultados são indícios de que poderão contribuir na interpretação dos protocolos que integrarão o processo de adaptação que está em andamento.

Desta forma, constata-se que este estudo, ao integrar um projeto maior de adaptação do TCF à realidade brasileira, contribui para a área de avaliação psicológica. Destaca-se, também, que à medida que o processo de adaptação contemple uma amostra maior, surgirão novos achados que farão com que o TCF se afirme como um valioso recurso de avaliação, contribuindo com proposições de intervenção e prevenção na área da Psicologia Infantil.

ANEXOS

Anexo A



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Ofício 0662/07-CEP

Porto Alegre, 18 de junho de 2007.

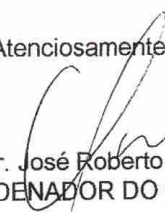
Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS
apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 07/03554, intitulado:
"Adaptação brasileira do teste dos contos de fadas (the fairy tale test)".

Sua investigação está autorizada a partir da
presente data.

Relatórios parciais e final da pesquisa devem ser
entregues a este CEP.

Atenciosamente,


Prof. Dr. José Roberto Goldim
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Profa Blanca Susana Guevara Werlang
N/Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar – CEP: 90610-000
Sala 314 – Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep

Anexo B

CARTA AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Porto Alegre, _____ de _____ de 200_.

Senhores Pais ou Responsáveis,

Estamos realizando um trabalho de pesquisa na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS – com crianças entre 6 e 11 anos, estudantes de escolas públicas e privadas, do sexo masculino e feminino. Este estudo está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, aqui representado pelas psicólogas Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo e Adriana Silveira Gobbi.

O objetivo deste estudo é identificar o uso de mecanismos de defesas nas respostas ao Teste dos Contos de Fadas (TCF). Este instrumento possibilita identificar aspectos da dinâmica da personalidade infantil. Torna-se importante identificar, nas respostas dadas ao instrumento por crianças entre 6 e 11 anos, os mecanismos de defesa para conhecer e definir formas de intervenções adequadas na clínica psicológica infantil.

Gostaríamos, então, de contar com sua valiosa colaboração, no sentido de autorizar a participação de seu (sua) filho (a) na pesquisa. Para isso é necessário que os pais ou responsáveis preencham uma Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos e assinem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A criança deverá responder, a dois instrumentos: o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven - Escala Especial (para crianças de 6 a 11 anos) para avaliar o nível de rendimento intelectual e o Teste dos Contos de Fadas. Os instrumentos serão aplicados dentro do próprio contexto escolar (em um encontro de aproximadamente 50 minutos), com a respectiva autorização institucional, não devendo acarretar danos ao andamento normal das atividades curriculares. Em princípio, o maior incômodo a que seu (sua) filho (a) estará submetido será a disposição de tempo para responder aos instrumentos, e o maior benefício será a participação em um trabalho científico.

As informações obtidas através dos instrumentos só serão acessadas pelos pesquisadores diretamente envolvidos na pesquisa, que analisarão os dados do ponto de vista estatístico de sua representatividade para o grupo de crianças em estudo. Com isso, pretendemos manter o caráter científico, ético e profissional da referida pesquisa.

Desde já agradecemos muito a sua colaboração e solicitamos que a Ficha de Dados Sociodemográficos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em anexo, sejam enviados completamente preenchidos, através de seu filho (a), para a escola. Esta carta, bem como uma via do Termo de Consentimento ficarão com você.

Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo
CRP 07/03039

Adriana Silveira Gobbi
CRP/15.204

Anexo C

FICHA DE DADOS PESSOAIS E SOCIODEMOGRÁFICOS

Instituição: _____

Data: _____

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____

Série Atual: _____

Repetiu alguma série?

() Não () Sim Quantas vezes? _____

Qual série? _____

Como tem sido atualmente, seu desempenho na escola?

() Ótimo () Bom () Regular () Ruim

Já foi suspenso (a) ou expulso (a) da escola? Por quê?

Os professores têm queixas a seu respeito?

() Não () Sim

Quais são as queixas?

() Falta de atenção () Desorganização () Falta de interesse

() Não realiza as tarefas escolares () Conduta inadequada: palavrões, brigas...

() Outras

Desde quando? _____

Apresenta alguma doença Física? () Não () Sim

Qual? _____

Apresenta alguma doença Psicológica? () Não () Sim

Qual? _____

Faz ou fez algum tipo de tratamento?

() Não () Sim

Médico () e/ou Psicológico ()

Quais? _____

Toma medicamentos? () Não () Sim

Quais medicamentos? _____

DADOS FAMILIARES:

Com quem mora a criança?

 Pai Idade: _____ Ocupação: _____

Escolaridade: _____

 Mãe Idade: _____ Ocupação: _____

Escolaridade: _____

 Madrasta/Padrasto Idade: _____ Ocupação: _____

Escolaridade: _____

 Irmãos: Quantos? _____

Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: _____

Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: _____

Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: _____

 Avô/Avó **Outros:** _____ (Especifique)**RENDA FAMILIAR:**

Até 1 salário mínimo ()

1 a 3 salários mínimos ()

3 a 5 salários mínimos ()

Acima de 5 salários mínimos ()

DOS ITENS ABAIXO, ASSINALE QUAIS E QUANTOS VOCÊ POSSUI EM SUA RESIDÊNCIA.

Itens	Não tem	Tem			
		1	2	3	4 ou +
Televisão a cores	0	1	2	3	4 ou +
Rádio	0	1	2	3	4 ou +
Banheiro	0	1	2	3	4 ou +
Automóvel	0	1	2	3	4 ou +
Empregada mensalista	0	1	2	3	4 ou +
Aspirador de pó	0	1	2	3	4 ou +
Máquina de lavar	0	1	2	3	4 ou +
Videocassete e/ou DVD	0	1	2	3	4 ou +
Geladeira	0	1	2	3	4 ou +
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	1	2	3	4 ou +

Anexo D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos solicitando sua autorização para que seu (sua) filho (a) possa participar da pesquisa, que está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O objetivo deste estudo é identificar mecanismos de defesa nas respostas de crianças entre 6 e 11 anos de idade ao Teste dos Contos de Fadas (TCF). Tal estudo prevê a participação de crianças, estudantes de escolas públicas e privadas, do sexo masculino e feminino. Para tanto é necessário que as crianças respondam a dois instrumentos: o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven – Escala Especial (para crianças de 6 a 11 anos) para avaliar o nível de rendimento intelectual e o Teste dos Contos de Fadas – TCF, técnica de avaliação clínica para identificar diversas dimensões da personalidade infantil. Essa atividade será realizada na própria instituição escolar, sem prejuízo das atividades escolares, em um encontro de aproximadamente 50 minutos, sob a coordenação das psicólogas responsáveis pelo estudo Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo e Adriana Silveira Gobbi. Os dados obtidos através destes instrumentos serão colocados anonimamente à disposição do pesquisador responsável pelo estudo. O maior desconforto para as crianças será o tempo que deverão dispor para responder aos instrumentos. O benefício será a contribuição pessoal para o desenvolvimento de um estudo científico.

Eu, _____ (nome do pai, mãe ou responsável pela criança) fui informado (a) dos objetivos especificados acima, de forma clara e detalhada. Recebi informações específicas sobre o procedimento no qual meu (minha) filho (a) estará envolvido (a), do desconforto previsto, tanto como do benefício esperado. Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento através do telefone (51) 3320-3550. Sei que novas informações obtidas durante o estudo me serão fornecidas e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação do meu (minha) filho (a) na pesquisa em face dessas informações. Fui certificado de que a identidade do meu (minha) filho (a) será mantida em sigilo.

Declaro que recebi cópia do presente termo de consentimento livre e esclarecido.

Nome do Responsável: _____

Assinatura do Responsável

Data

Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo
CRP 07/03039

Adriana Silveira Gobbi
CRP 07/15.204